

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
LICENCIATURA EM EDUCOMUNICAÇÃO**

TAINAH DA SILVA PEREIRA

Nº USP. 9361100

Educação Comunitária e seu viés Educomunicativo: O trabalho social da Tia Aninha na
comunidade Vila União

São Paulo – Dezembro

2023

TAINAH DA SILVA PEREIRA

Educação Comunitária e seu viés Educomunicativo: O trabalho social da Tia Aninha na
comunidade Vila União

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Áreas Acadêmicas da Universidade
de São Paulo, Câmpus ECA (Escola de Comunicação
e Arte), como parte dos requisitos para obtenção do
título de Licenciado Educomunicação.

Orientadora: Prof. Dra Daniela Osvald Ramos.

São Paulo – Dezembro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Pereira, T. Educação Comunitária e seu viés Educomunicativo: O trabalho

social da Tia Aninha na comunidade Vila União Alzira. 2023. 86f

Orientadora: Prof. Dra Daniela Osvald Ramos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Áreas

Acadêmicas da Universidade de São Paulo.

1. Arte Cênica 2. Educomunicação. 3. Inclusão Social

Universidade de São Paulo

Escola de Comunicações e Artes

Licenciatura em Educomunicação

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

Inserir a catalogação na Publicação

[FOLHA DE APROVAÇÃO]

TAINAH da Silva Pereira, Nome do. **Educação Comunitária e seu viés Educomunicativo:** Estudo de caso do trabalho social da Tia Aninha na comunidade Vila União. 2012. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Educomunicação – Universidade de São Paulo, Educação, Comunicação e Artes (ECA), 2023.86f.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr/Ms. _____ Instituição_____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr/Ms. _____ Instituição_____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr/MS. _____ Instituição_____

(Orientador)

Julgamento _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, irmãos e minha mãe como gesto de gratidão por todo apoio, carinho e presença ao longo do período de elaboração deste trabalho, assim como fonte de inspiração para defesa.

AGRADECIMENTOS

Esse ano foi desafiador e confesso que pensei em desistir devido a dor da perda da mulher que me inspirou iniciar o curso em Educom por acreditar que com o poder da educação a gente transforma o mundo. O Covid a levou, mas não apagou sua história e com a dedicação de meus queridos professores, em especial Claudia Lago, Claudemir Viana que não somente me deram palavras de forças como também me acolheram mediante ao luto, dedico meus sinceros obrigada, assim como posso dizer: Conseguimos!

À Profª Drª Daniela, que no decorrer do desenvolvimento do projeto, muito me ensinou, contribuindo para meu crescimento científico e intelectual. Agradeço ao carisma e todas as indicações que expandiu minha mente e transformou proposta em projeto. Aos Professores de Educom, agradeço ao carinho, atenção e apoio durante o processo de formação e força nos momentos mais delicados em minha vida, com incentivo a persistir pela minha graduação.

Aos meus amigos que consideram como irmãos da Eca, que me fizeram cada dia mais me apaixonar pela educomunicação e pelos semestres que passamos juntos, mesmo EAD devido a pandemia, nunca desistiram em ajudar e dedicados a sempre aprender sobre como nosso aprendizado pode ser usado no processo de melhorar a educação no país.

Agradeço ao Mauricio pela troca de saberes sobre a arte e comunicação, assim como a disponibilidade em conceder entrevista para ampliar meu conhecimento. Agradeço também as famílias que permitiram conceder entrevista para contar sobre suas vivencias juntamente com a Tia Aninha e dispuseram não somente suas memórias, mas também registros fotográficos.

A minha família que sempre me incentivou a ser alguém melhor, usando como base o conhecimento e respeito aos meus professores. Ao meu pai que mesmo diante da perda, não deixou de apoiar meu projeto e com entusiasmo me incentivou a seguir os mesmos passos para lutar por uma educação inclusiva.

A Universidade de São Paulo, Unidade ECA (Escola de Comunicação e Arte), agradeço a oportunidade de permitir-me realizar o curso de Educomunicação.

RESUMO

TAINAH DA SILVA PEREIRA, autora do **Educação Comunitária e seu viés**

Educomunicativo: Estudo de caso do trabalho social da Tia Aninha na comunidade Vila União. 2022. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Educomunicação – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes (ECA), São Paulo, 2022.

A proposta do tema é analisar como estudo de caso a trajetória do trabalho socioeducativo desenvolvido pela pedagoga Edna Ana, conhecida no bairro de Vila União como “Tia Aninha” e refletir sobre a importância da existência de espaços não escolares com intuito de serem usados para projetos com viés do acolhimento infanto juvenil. Será avaliado se a forma de trabalho oferecido pela mesma acompanha o que é defendido pela Educomunicação e quais foram os benefícios colhidos pelas pessoas que tiveram contato com seus métodos de ensino.

Palavras-chave: Tia Aninha; Vila União; Arte Cênica; Educomunicação; Inclusão Social.

ABSTRACT

TAINAH DA SILVA PEREIRA , author of **Community Education and its Educommunicative bias**: A case study of Tia Aninha's social work in the Vila União community. 2022. 86f. Completion of course work – Degree in Educommunication – University of São Paulo, School of Communication and Arts (ECA), São Paulo, 2022.

The purpose of the theme is to analyze with a case study the trajectory of the socio-educational work developed by the pedagogue Edna Ana, known about Vila União as "Tia Aninha" and to reflect on the importance of the existence of non-school spaces in order to be used for projects with a bias towards the reception of children. It will be evaluated if the form of work offered by it follows what is defended by Educommunication and what were the benefits reaped by the people who had contact with its teaching methods.

Keywords: Aunt Aninha; Union Village; Scenic Art; Educommunication; Social inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagen 1 Filha da Dozinha em fase escolar no período da Ditadura.....	17
Imagen 2 Marido da Dozinha em sua função de segurança escolar no tempo da Ditadura).....	18
Imagen 3 Modelo de ensino no tempo da Ditadura: professor, a voz e autoridade absoluta nas salas de aula)	18
Imagen 4 (Criança que esteve aos cuidados de Julia que foi babá no Bairro Vila União. Julia era mãe adotiva da Aninha)	20
Imagen 5 (Julia em sua função de babá com uma de suas crianças)	21
Imagen 6(Edna Ana da Silva Pereira aos 3 anos de idade, pós processo de adoção)	21
Imagen 7 (Manoel Romão e Julia Ana: casal responsável pela adoção e criação legal de Edna Ana)	22
Imagen 8 (Edna Ana e seu noivo Nelson, fotografia cedida com relato que nessa época era refutada ideia de mulher com independência financeira)	26
Imagen 9 (Primeiro encontro na praça com crianças e adolescentes sobre a ministração da Edna Ana, vulgo Tia Aninha como era chamada pelos participantes)	27
Imagen 10 (Registro do aumento do número de crianças e adolescentes nos encontros com a Tia Aninha na Praça. A popularização. do projeto)	27
Imagen 11 (Apesar das melhorias locais no Bairro Vila União, ainda existem partes conhecidas como comunidades que registram situações de precariedade.)	30
Imagen 12 (Inclusão de supermercado, Fatec, comércios e o circo Escola Creche na região e torno do Bairro Vila União.)	30
Imagen 13 (Registro do Bairro Vila União da área com maior precariedade)	32
Imagen 14 (Praça Vila União onde ocorriam os encontros e seu estado atual)	33
Imagen 15 (Tia Aninha desenvolvendo seus trabalhos socio educativo com a apresentação de uma peça com adolescente e crianças do bairro Vila União)	38
Imagen 16 (Desenho feito por Willian em homenagem a Tia Aninha no dia 15/01/2022 como forma de despedida e eterniza-la)	43
Imagen 17 (Desenho feito por Willian no muro da Tia Aninha como forma homenagem)	43
Imagen 18 (Michael registrou essa foto em suas redes sociais e confirma sentir-se confortável com seu cabelo afro e aprendeu a se amar conforme foi tendo consciência das suas raízes e historicidade. Confirma que a Tia Aninha elogiava a beleza afro sempre que tinha oportunidade)	44

Imagen 19 (Desenho feito por Willian sobre a valorização da criança preta)	45
Imagen 20 (Desenho por Icaro como forma de manifesto das emoções. Segundo a mãe, a arte ajudou o filho a socializar e entender mais seu autismo homenagem)	48
Imagen 21 (Desenho feito por Icaro: Dino um herói engraçado)	48
Imagen 22 (Desenho feito por Icaro: Dino um herói engraçado com trechos da história em quadrinhos)	48
Imagen 23 (Desenho feito por Icaro: Dino um herói engraçado com trechos da história em quadrinhos)	49
Imagen 24 (Desenho feito por Icaro: Dino um herói engraçado com trechos da história em quadrinho)	50
Imagen 25 (Ana Paula em sua apresentação no Rock in Rio como violinista)	51
Imagen 26 (Ana Paula e seu grupo de orquestra sinfônica para apresentação no ano de 2022).52	
Imagen 27 (Desenho feito por Willian arte: Leveza de ir e vir com exaltação a beleza preta) ..53	
Ilustração 28 (Desenho feito por Willian a arte: Paz e Sintonia com ênfase na exaltação a beleza preta)	53
Imagen 29 (Desenho feito por Willian no muro da Tia Aninha como forma homenagem) ..54	
Imagen 30 (Desenho feito por Willian: A arte: Palavras encantadoras com exaltação a beleza preta)	54
Imagen 31 (Desenho feito por Willian no muro da Tia Aninha como forma homenagem) ..58	
Imagen 32 (Yasmin em atividade recreativa com a supervisão da Tia Aninha no ano de 2020)	59
Imagen 33 (Registro da última atividade interativa com a Tia Aninha, antes da pandemia do Covid e normas de isolamento)	59
Imagen 34 (Registro da última atividade interativa com a Tia Aninha, antes da pandemia do Covid e normas de isolamento)	61
Imagen 35 (Crianças contando sobre seus sonhos, aprendizados e experiencias que obtiveram com a Tia Aninha. Registro da última atividade dela antes do isolamento)	61
Imagen 36 (Último projeto da Tia Aninha em vida com a participação da Yasmin como criança impactada pelas atividades)	63
Imagen 37 (Registro de entrega de chocolates para as crianças do Bairro Vila União no dia da comemoração da Pascoa. Voluntarios apadrinharam as crianças e juntamente com Elisete, foi entregue e impactado mais de 50 crianças)	64

Imagen 38 (Elisete em sua atividade de recreação com as crianças e como sucessora integral dos trabalhos antes desenvolvidos pela Tia Aninha)	66
Imagen 39 (Elisete em sua atividade de desenvolvimento do teatro com a participação das crianças)	66
Imagen 40 (Encontro de mães da Comunidade Vila União para receberem orientações de uma profissional voluntaria do ramo da saúde)	68
Imagen 41 (Revista Academikah desenvolvida pelos alunos de Educomunicação sobre mulheres que representam e incentivam o empoderamento como forma de homenagem)	69
Imagen 42 (Página oficial do Facebook da Associação Vila União criada para comunicação com os membros e moradores do Bairro)	70
Imagen 43 (Josias administrador oficial da Associação em atividade do projeto de entrega de cestas básicas e a página oficial com pedido de doações)	71
Imagen 44 (Cartinha feita por crianças da Comunidade no período do Natal, para que sejam apadrinhadas pelos voluntários)	72
Imagen 45 (Arte convite para as mães e gestantes da comunidade para participação da palestra sobre aleitamento e as dificuldades da maternidade)	73
Imagen 46 (Arte desenvolvida para convite aos moradores da Vila União com suporte e atendimento com psicólogos voluntários para tratar da ansiedade e fobias pós pandemia)	74
Imagen 47 (Registro de entrega de marmitech dentro da comunidade no inverno de 2022 para moradores da região. A iniciativa atendeu mais de 90 pessoas de acordo com Josias, administrador responsável)	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO.....	16
1.1 A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO	18
1.2 EDNA ANA DA SILVA PEREIRA.....	20
1.2.3 TIA ANINHA: OS PRIMEIROS PROJETOS NO BAIRRO VILA UNIÃO.....	25
1.2.4 AMBIENTE DE NÃO PRIVILÉGIOS E A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES COM VIÉS EDUCATIVO	27
1.2.5 POR QUE É IMPORTANTE O INCENTIVO DE TRABALHOS INCLUSIVOS NA COMUNIDADE?.....	33
2. EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITOS E ENSINAMENTOS.....	36
2.1 A INCÓGNITA QUE MUDOU MINHA CONCEPÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO.....	37
3. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO PROCESSO EDUCOMUNICATIVO.....	40
3.1 “ARTE E COMUNICAÇÃO É A LINGUAGEM DE CONSTRUÇÃO DE ECOSSISTEMAS EDUCOMUNICATIVOS”.....	40
3.1.1 “A arte é uma expressão comunicativa”.....	41
3.1.2 “Dentro das escolas, arte é vista como disciplina inferior”.....	42
3.2 A EDUCOMUNICAÇÃO E SEU ENTRALACE COM A ARTE.....	42
4. RELATOS E VIVÊNCIAS: HISTÓRIAS DE TRANSFORMAÇÃO.....	44
4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	44
4.2. A EDUCAÇÃO E SEU VIÉS CONSCIENTIZADOR.....	46
4.3. A EDUCAÇÃO E SEU PAPEL INCLUSIVO.....	50
4.4. A EDUCAÇÃO E A ARTE COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO.....	55
4.5. A EDUCAÇÃO E A ARTE COMO FONTE DE ENCORAJAMENTO.....	59
5 ARTE E EDUCOMUNICAÇÃO: O PROJETO CONTINUA.....	62
5.1 PROPOSTAS DE EDUCOMUNICAÇÃO PARA ASSOCIAÇÃO VILA UNIÃO.....	72
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICE	85

INTRODUÇÃO

“A arte é uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho para a vida”.
(FAYGA OSTROWER)

Essa pesquisa foi escolhida como forma de reflexão sobre a importância de espaços não escolares com premissas voltadas à educação e inclusão social. Usarei como exemplo o trabalho desenvolvido pela pedagoga Edna Ana no período de quatro décadas dentro da região periférica da Zona Leste de São Paulo no bairro Vila União que, através de atividades lúdicas como teatro e desenhos artísticos, proporcionava o estímulo ao conhecimento sobre questões sociais e escolares.

A decisão de abordar esse tema começou a ser amadurecido no ano de 2019 quando em uma conversa informal com meu amigo Fabio que, com alegria na voz se recordava dos anos que ao conviver aos trabalhos desenvolvidos por Edna, viu no ensino a oportunidade de mudar de vida e hoje, colhe os frutos como mestre em Física no Japão. A partir desse dia, começou em mim uma vontade de analisar o quanto a educação tem viés de promover esperança através do empoderamento e consequentemente mudar vidas. A premissa da educação vai além da alfabetização com viés de empregabilidade, ela tem potencial de gerar no íntimo do indivíduo a busca pelo pertencimento e direito a receber oportunidades que muitas vezes, é direcionada somente às elites sociais.

A representatividade de uma mulher que veio de uma realidade de não privilégios, permitiu que crianças e adolescentes a vissem como um espelho de que a educação é um pilar que precisa ser visto como algo importante na trajetória da vida. Aqueles que conseguiam concluir o ensino médio, eram considerados promissores e os que conseguiam cursar faculdade seja no campus da Medicina ou Direito, eram vistos como pertencentes à elite. A proposta do uso da arte como forma de incentivo à educação foi a ferramenta que Edna usou para lutar pelo direito ao acesso a empregabilidade e redução da evasão escolar por questões de os pais dos alunos não atribuírem importância as escolas, mas sim viam que o sucesso principalmente das mulheres era medido pela sua capacidade ser esposa e mãe.

O presente trabalho foi desenvolvido em quatro capítulos. No primeiro, abordaremos sobre quem foi Edna Ana e todo sua trajetória até o processo de torna-se dedicada ao ensino infanto juvenil na praça Vila União, em seguida em sua casa e após, no espaço cedido pela Igreja da Vila União. Será analisado quais os benefícios da existência de espaços não escolares

e se as práticas desenvolvidas pela educadora, podem ser considerados um processo educomunicativo.

No segundo, refletimos sobre a importância do uso da arte como ferramenta no desenvolvimento socioeducativo e suas vantagens ao atender crianças e adolescentes em fase escolar. Pensaremos como a Arte pode favorecer os mesmos no processo de sociabilidade e encorajamento anti- evasão escolar. Após, no terceiro capítulo será abordado sobre os aspectos da Educomunicação e se existem similaridades no projeto feito pela educadora Aninha com os preceitos da teoria educomunicativa. Com entrevistas aplicadas a um grupo específico, através das respostas será analisado se pode ser considerado práticas educomunicativas ou o que poderia ser incluso para torná-lo educomunicativo.

Por último, será registrado o impacto da arte com depoimento de um adolescente que foi aluno da educadora Aninha e da sua progenitora como forma de reflexão sobre formas de desenvolvimento na ótica dos benefícios do teatro atrelado à educação na vida de um autista.

Abordar sobre a historicidade da Edna é uma forma que encontrei de perpetuá-la por todo benefício oferecido as crianças e adolescentes e como o conhecimento traz liberdade, abre caminhos e gera esperanças. A vi dedicar-se a crianças e adolescentes com uso da criatividade e educação, para minimizar a evasão escolar que era algo comum no Bairro, ora por falta de perspectiva, ora por questões de sobrevivência. Fiz parte desse legado como filha, depois como sucessora e agora, como aquela que escreve sobre seus passos e dedicação até seu último suspiro em terra.

1 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

Para iniciar o estudo sobre os impactos positivos de trabalhos socio educativo, partiremos da premissa do quanto importante a educação é para o desenvolvimento principalmente ao que se refere à cidadania. Paulo Freire, considerado como referência da pedagogia nos mostra que ensinar vai além de transferir conhecimento, mas sim as trocas dos saberes tanto do aluno como do educador, para que não haja a existência da ideologia do conhecimento centrado de acordo com poder pré estabelecido.

Nos espaços de ensino, a forma da educação por método de transferência é algo ainda frequente, porém há quem questiona essa forma de ensinar, na qual o professor é colocado como a parte do saber e o aluno, a parte da necessidade do aprendizado e, caso haja intenção do aluno questionar sobre um posicionamento ou pautar uma experiência pessoal, ele perde seu protagonismo de fala, que retorna a seu educador, que por sua vez coloca como absoluto aquilo que o educador falar. Esse aspecto de educar é refutado quando Freire afirma que:

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isto, não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus “temas geradores. (FREIRE, 1994, p. 65)

Abordo essa premissa pois a Edna, que é o tema de estudo, iniciou sua fase escolar no período da ditadura no Brasil e os alunos eram ensinados a obedecerem ao regime de ensino e caso se opusessem, eram perseguidos, calados e oprimidos e com isso, os alunos se curvavam a forma de ensino sem possibilidade de questionar os ensinamentos ofertado dentro da sala de aula, devido medo da retaliação. Segundo Dozinha¹ “As crianças e adolescentes não podiam interromper o professor. Os professores, diretores eram a lei e se um aluno fosse rebelde, era complicado. Os pais davam autorização e a gente orientava o respeito aos mestres, porque era assim na escola daqui do bairro”. (Depoimento cedido dia 21/10/2022).

1. Dozinha: entrevistada e antiga moradora foi funcionária da limpeza da escola Wanny Salgado Rocha e mãe de uma das mulheres que teve amizade com a Tia Aninha e afirmou como era a conduta escolar na Era da Ditadura. Não era usado a palavra repressão, mas sim rebeldia.



Imagen 1. Registro de filha de Dozinha com uniforme escolar.
Fonte: Registro da autora.

1.1 A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Em sua obra “A pedagogia do oprimido” Paulo Freire nos ensina sobre a importância de desenvolver no indivíduo o poder do questionamento e protagonismo. Somos frequentemente desestimulados por ideologias de que a desigualdade é algo meritocrático, e quem se esforça mais, terá maiores recompensas; além dos demais métodos de silenciar o interesse de entender e lutar por igualdade. A pedagogia de Freire percebe a educação como viés libertador. Esse estudo nos incentiva a questionar a existência dos poderes, assim como sair do papel do oprimido sem que haja intenção de se tornar o opressor. Como a libertação social não é algo individual, é incentivado que haja essa consciência de mudança de forma coletiva, na qual um indivíduo apoia o outro.

Partindo da premissa que a Edna teve contato com essa forma de ensino, é percebido no decorrer da sua história que, ao invés de defender a metodologia defendida pelo ensino da ditadura, ela sentiu o desejo de conhecer mais sobre as premissas do ensino pautado nas ideologias de Paulo Freire mesmo que no período que iniciou seus projetos, ela não tenha se graduado em pedagogia, mas já havia em seu íntimo a concepção de educar com foco no protagonismo do aluno.



Imagen 2. Waldir em sua função de segurança Escolar.
Fonte: Registro da autora.

Essa obra escrita por Paulo Freire (1994) em seu exílio no Chile no período da ditadura foi uma forma de estimular a mudança no método de ensino para repensar a existência de um opressor que opera sobre seus oprimidos e que o papel da escola tem poder de gerar a cidadania e o quanto nocivo é, ter alunos encorajados a serem opressores daqueles que eles considerem mais frágil.



Imagen 3. Educação bancária

Fonte: <http://cronicaspedagogicas.blogspot.com/2015/08/paulo-freire-e-educacao-bancaria.html>. Acesso em:
23/10/2022.

1.2 EDNA ANA DA SILVA PEREIRA

A família é considerada como a base da sociedade e a forma que é constituída pode ser baseada em laços biológicos, legais ou afetivos. A historicidade da Edna Ana retratará a partir da sua infância, porque foi o ponto importante sobre as premissas de entender a necessidade da educação para ter ascensão social e visibilidade frente a sua realidade. No dia 24 de setembro do ano de 2022 foi feito uma entrevista com a moradora mais antiga do bairro Vila União, Sra. Neusa Servilha (74 anos de idade) que afirma ter tido participação direta e indireta na infância à vida adulta da Pedagoga Edna Ana.

“Meu nome é Neusa Servilha, tenho 74 anos, sou viúva e moro nesse bairro desde os meus 17 anos, idade que me casei com meu finado marido. Para falar da Edna, primeiro é importante salientar sobre a história dos pais adotivos dela. O finado Manoel Romão era operário na fábrica de alumínio aqui na região de São Miguel Paulista e ele trabalhava junto com meu marido para manter o sustento da casa, mas como era pouco o valor do salário era comum as esposas sem filhos, aceitarem profissão de faxineira ou cuidadora de crianças. A dona Julia era conhecida no Bairro por ser uma cuidadora de crianças e era comum as mães deixarem seus filhos maiores para ela cuidar para poderem conseguir adiantar os afazeres domésticos. Um dos hábitos comuns naquela época, era passar um senhor fotografando com uma máquina modelo polaroide os adultos e crianças da região. Os pais pagavam para ela deixar os filhos arrumados e registrar a infância deles.



Imagen 5. Crianças e fotografia.
Fonte: Registro da autora.



Imagen 6. Julia em sua função de cuidadora.
Fonte: Registro da autora.

A Aninha apareceu na vida do Manoel e da Julia nos anos 60! Ela foi deixada na calçada, na verdade não era calçada porque as ruas antes eram sem asfaltos. Os cachorros e galinhas começaram a se agitar muito no quintal da dona Julia e a gente saiu para ver o que estava acontecendo e nos deparamos com uma criança magra, suja e chorosa sentada ao lado do latão que tinha na rua que usávamos para colocar os sacos para o lixeiro levar embora.



Imagen 7. Edna aos 3 anos de idade, pós adoção.
Fonte: Registro da autora.

Nesse dia dona Julia a colocou dentro de casa, deu um banho e pediu minha ajuda para decidir o que faria com aquela menina porque além de magra parecia estar doente e precisaria de cuidados médicos. Mas ela como era analfabeta, eu tinha filhos pequenos e nossos maridos trabalhando não tínhamos conhecimento a quem recorrer e então, decidimos esperar eles chegarem em casa. A adoção naquela época não era complicada porque tinha menos documentos para apresentar, eu lembro que fui junto com meu marido como testemunhas sobre o direito a tutela já que os parentes não puderam comparecer.

*A Aninha teve uma infância com muitos desafios porque era uma menina preta e a família toda dela tanto por parte de pai como parte de mãe eram de origem italiana e portuguesa então pela diferença de cor e características eu lembro de vê-la sofrer preconceito, falarem do cabelo dela principalmente chamando-a de **Sarará, Fedida, Farrapos e de fucinho de tomada**.*

Ela não ligava, mas se comparava pela diferença dos traços e quando ia em meu muro chamar minhas filhas para brincar perguntava para mim se eu sabia o porquê era diferente do pai e mãe dela. Eu tentava ter sensibilidade, mas em um momento tive que pedir a eles que contassem sobre a adoção.



Imagen 8. Pais adotivos da Edna, Julia em seu ofício de babá.

Fonte: Registro da autora.

Foi algo muito difícil, mas já via maturidade e força naquela menina e aos poucos percebia que ela queria ter uma boa profissão e ser uma boa filha para os seus pais como forma de agradecimento. Ela estudou na escola pública Wanny Salgado Rocha e fez o colegial no Filomena Matarazzo. Era muito dedicada, lembro de vê-la sentada no batente do seu quintal lendo livros em voz alta para a sua mãe e às vezes, a Bíblia porque a Dona Julia era religiosa

devotada. Eles frequentavam a igreja e era normal os verem levá-la para participar do grupo de adolescentes e escola dominical, ela contava histórias bíblicas para minhas filhas mais novas.

Quando ela ficou mocinha, conheceu o senhor Nelson que parecia na época ter uns DEZOITO, DEZENOVE ANOS. ELE ERA DO INTERIOR DA BAHIA E VEIO PARA SÃO PAULO TENTAR SORTE profissional, conheceu a Aninha na igreja e decidiram namorar. Ela já estava formada no colegial e naquela época, ter o ensino médio era uma vitória porque a maioria das moças se casavam nova, tinham filhos e ficavam dedicadas ao lar, tanto que tinham igrejas que proibiam as filhas de estudar porque diziam que a responsabilidade da mulher na terra era ser mãe e cuidadora. A sorte da Aninha foi o pai dela porque ele entendia que estudar seria um passo de respeito, assim como independência financeira para ela não passar dificuldades futuras.

Lembro que ela, mesmo namorando focou primeiro em conseguir um emprego e começou a fazer entrevistas até entrar no banco como escrituraria. Ela contou para mim quando passou e levou indicação para que minha filha mais velha tentasse a sorte de ser chamada. Assim que Aninha foi contratada, ela teve o desafio de enfrentar os vizinhos e grupos da igreja invalidando sua prioridade de ter estudado e trabalhar porque saia dos preceitos da época, assim como especulavam que ela estava em fornicação com seu namorado e com isso, a suspenderam dos trabalhos religiosos.

Quem, melhor do que eu que pode falar dessa parte do afastamento e de quando ela começou a sentir-se segura em iniciar projetos porque eu lembro dela trazer na casa dos pais, crianças e adolescentes seria o Nelson, porque ele foi a parte que também era participativa. O que eu posso garantir é que, mesmo sendo adotada ela transformou sua história em algo maior e sim, todos que tiveram a oportunidade de conhecê-la tiveram uma grande lição; um presente”.
 (Neusa, depoimento cedido em: setembro 2022)

Segundo Varella apud Rufino (2002, p. 82), “na adoção não pode haver escolha da criança, desta ou daquela forma, desta ou daquela cor, tamanho, saúde etc. Criança não é objeto, não é mercadoria que se pode apalpar ou rejeitar quando apresentar algum problema ou defeito.” Sobre o aspecto do desafio da adoção, conforme depoimento dado pela Neusa percebe-se que apesar da burocracia ser menor nos anos 60, isso não eximiu a Edna de sofrer racismo por ser uma criança preta adotada por um casal étnico branco.

De acordo com o artigo 1º, inciso IV da Lei 12.288/10 - Estatuto da Igualdade Racial, houve a necessidade da criação de leis que incentivavam a população escolher crianças pretas e pardas no processo da adoção como forma de dar as mesmas oportunidades dada as crianças de

outras etnias, que recebem oferta de adoção com maior facilidade¹. Abordar sobre o processo de adoção em conjunto com aspectos das problemáticas do racismo que predomina em nosso país desde o período colonial, esclarece atitudes de pessoas que refutaram a escolha de um casal branco que decidiu adotar uma criança de etnia afrodescendente.

Apesar do amor familiar recebido tanto pelo seu pai como pela sua mãe, houve a necessidade do preparo frente ao desafio social a assuntos que permeiam racismo, desigualdade e oportunidade. A Edna foi incentivada pelo seu pai a aproveitar a oportunidade dos estudos e ter o colegial concluído para poder conseguir sua independência financeira.

Em continuidade, para falar sobre as problemáticas do preconceito é importante refletir os estudos do racismo estrutural em especial o que argumenta Silvio Almeida (2019) que aborda sobre como a sociedade vê pessoas afrodescendentes de forma subalterna e consegue falar sobre esse olhar ao definir:

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Assim, a discriminação pode ser direta ou indireta. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder (ALMEIDA, 2019,pg 25).

Abordar esse aspecto, ajuda a compreender o primeiro ponto vivido pela Edna em sua infância e adolescência sobre entender que dentro do seu espaço de convívio precisaria ter a consciência de que existe dentro do sistema social a ideia de que a sua etnia era considerada inferior comparado a etnia dos seus pais. Sr. Manoel, o pai dela, a incentivava a estudar por compreender que a educação seria o pilar necessário no desenvolvimento da filha por ter como objetivo “*lavar a honra da filha e calar a boca dos fofoqueiros*” mesmo que nas décadas de 60/70 e 80 a abordagem sobre os assuntos de cunho racial não fosse colocado em pauta.

Alexander (2018, pp. 281-2) aborda sobre a forma como associam a negritude com a criminalidade, quando no decorrer dos anos houve essa construção da imagem do negro subalterno, violento, incapaz e esse reforço da imagem ocorre desde a mídia que constroem personagens com características de submissão e criminalidades às elites políticas que segregam as posições sociais onde a proporção de terem mais pessoas afrodescendentes em situações de subsistências comparados a outras etnias, é maior.

Nesse aspecto, mesmo sem haver abordagens mais profundas sobre racismos nas décadas anteriores, “*Manoel entendia nas entrelinhas que sua filha tinha um desafio em provar-se capaz e em sua infância, lhe presenteou com livro Quarto de Despejo da Carolina de Jesus, como forma de lhe gerar uma inspiração para literatura e escrita, por perceber que a Edna transformava suas dores em poesia*”. (Relato Neusa: Cedido em setembro 2022).

1.2.3 TIA ANINHA: OS PRIMEIROS PROJETOS NO BAIRRO VILA UNIÃO

Nelson Pereira foi casado por mais de três décadas com Edna Ana e compartilhará sobre sua experiência como coadjuvante nos projetos sociais atribuídos por ela. Foi feito entrevista dia 02 de outubro de 2022 com ele para que contasse suas memórias.

“Meu nome é Nelson Pereira, tenho 60 anos natural de Camaçari e viúvo. Conheci a Edna quando vim morar em São Paulo, dentro da igreja. Ela era nossa professora da Escola dominical e ensinava sobre a bíblia para gente, me apaixonei pelo sorriso dela (risos). Lembro de ter falado para meu irmão mais novo que ela casaria comigo e ele apostou comigo, porque eu sendo baiano, falava errado, só com fundamental não seria capaz de conquistar uma bancária. Mas, ficamos noivos, casamo-nos e fomos felizes.

Ela era professora da escola bíblica na nossa igreja e tinha muita criança na região porque o povo tinha pelo menos cinco filhos por casal (risos), era criança demais! Ela contava histórias com uns fantoches e no final do dia, entregava lanches que fazia



Imagen 9. Nelson Pereira e Edna Ana; noivado em junho de 1986.
Fonte: Registro da autora.

Naquela época era normal não ter incentivo para fazer o colegial, principalmente as moças! Os pais eram muito conservadores, quando as filhas completavam uns dezoito anos, eram incentivadas a noivar e casar. Eu lembro que a Aninha ia na casa das meninas buscá-las para irem ao encontro das crianças e adolescentes e elas estarem nos afazeres domésticos enquanto os meninos, jogavam futebol e corriam para conseguirem tomar banho e ir com ela

ao encontro infantil. Muitas meninas, as mães barravam porque as queriam em casa ajudando nas tarefas antes do almoço.

Teve uma vez que a Aninha foi na casa de uma mocinha e ela estava chorando porque queria ir, mas tinha que fazer o arroz. Prontamente nós ajudamos nos afazeres e pedimos que os pais a liberassem para ir conosco, já tínhamos deixado tudo pronto! Nesse dia, a Aninha e eu começamos a conversar sobre a educação que dariamo aos nossos futuros filhos e ela falava que queria poder fazer algo pelas crianças e adolescentes da Vila. Compramos tintas guaches, livros, pinceis, lápis de colorir, panos e EVA para ela introduzir o projeto do uso do teatro e pinturas para as crianças do bairro terem um momento de recreação e aprendizado. Com o decorrer dos meses compramos fantoches, cenários e a amiga dela Ivani quis participar e elas 2 estavam na linha de frente do processo de educação com arte". (Nelson depoimento cedido em: outubro 2022)



Imagen 10. Primeiro encontro infanto juvenil na Praça Vila União.
Fonte: Registro da autora.



Imagen 11. Novo encontro infanto juvenil na Praça Vila União.
Fonte: Registro da autora.

Nesse novo encontro registrado na imagem acima, é percebido que o número de crianças e adolescentes, o que mostra como essa forma de lidar com educação através da ludicidade é atrativa para esse público. Esse aspecto de olhar a arte como ferramenta que pode ser entrelaçada ao ensino escolar conversa com as premissas discursada por Buoro quando descreve que:

A presença da obra de arte possui, na vida do sujeito leitor, várias possibilidades e manifestação. Um olhar sensível e aberto, (...) é capaz de captar ainda que intuitivamente os sentidos que a obra de arte lhe disponibiliza. Ante aos processos de massificação que as culturas imprimem ao homem urbano contemporâneo, ventando-lhe a capacidade de ver o mundo com nitidez, a construção de um leitor dependerá do resgate realizado no contexto de um trabalho sistemático e embasado de educação do olhar (BUORO, 2002, p. 237).

O uso do lúdico como forma de desenvolver a procura pelo conhecimento, foi a estratégia aplicada pela Edna com a intenção de envolver as crianças e adolescentes nos assuntos relacionados à história e literatura, tornando o aluno protagonista do ensinamento e ela, somente como intermediadora do aprendizado. Os livros escolhidos para as aulas eram sempre lidos pelos alunos, quando ela os incentivava à interpretação e trocas dos saberes. Com atividades através da arte, seja com tintas, lápis e teatro os alunos eram incentivados a externarem a habilidade de expressar as opiniões e começar aos poucos, terem consciência de classe.

1.2.4 AMBIENTE DE NÃO PRIVILÉGIOS E A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES COM VIÉS EDUCATIVO

Para falar sobre o bairro da Vila União, antes é importante abordar sobre como as periferias surgiram e a construção da imagem desses espaços no olhar das demais realidades, através das análises feitas pelo estudo de Tiarajú Andreia (2013) sobre a formação do sujeito periférico e o impacto da cultura e políticas públicas nesses espaços. Nos anos 60, a região do bairro Vila União, assim como seu entorno, não possuía energia elétrica, as ruas não eram asfaltadas, mas havia iniciado o processo de saneamento. Porém, as casas continham poços para os moradores terem acesso a água de consumo básico.

Dirce é moradora há mais de 40 anos e concedeu entrevista no dia 28 de outubro de 2022 para contar como era a região do bairro Vila União e quais foram as mudanças que houve no quesito da infraestrutura, assim como comportamental. Para tornar estruturada a entrevista, foram usadas como norteadores as 4 perguntas abaixo:

A) No aspecto estrutural, como era o bairro Vila União?

- B) Quais foram as melhorias que você percebeu no Bairro Vila União?
- C) Se recorda de algum projeto artístico para incentivar a educação?
- D) Você chegou a ter contato com projeto infantil da Tia Aninha?

Era mistura de barro com cheiro de asfalto queimado!

“Meu nome é Dirce tenho 59 anos e sou moradora daqui há muitos anos. Eu cheguei no bairro Vila União na minha pré adolescência e me lembro que essa rua aqui (Euclides Eufrasio), tinha começado a ser asfaltado, a rua debaixo já estava com asfalto e a de cima também. Eu sempre gostei de samba e tinha um grupo que eu ensaiava para os desfiles da Nenê da Vila Matilde, ela ficava em um barracão e para eu chegar ao local passava pela parte não asfaltada, quando chovia meus sapatos e roupas ficavam imundas. Eu lembro que para ir ao Mercado Geral que era um dos maiores que tinha na época, eu passava por uma ponte que tinha em uma das vielas na parte mais pobre do bairro, para poder ir ao mercado. Tinha nessa parte, muitas casas feitas de madeira, lixos e o rio sujo.

A praça antes era cheia de crianças, brincando de boneca e com carrinho de lata, as mães iam com os filhos para conversar com as comadres, tinha galinhas às vezes andando pela região (risos). Era bem diferente, hoje não vejo muitos meninos brincando na rua não. Eu só me lembro de ter uma escola aqui que era o Wanny Salgado Rocha para o ensino fundamental e somente iam para escola as crianças que estavam na idade escolar. Os mais velhos iam estudar e os mais novos ficavam com a mãe em casa. Não tinha as creches, primário ou lugares para recreação infantil. A única coisa que tinha era a pracinha, para ficarem tomando um sol e brincando entre eles até os pais mandarem voltar para tomar banho e jantar.

As crianças iam aos montes juntas, ou a mãe levava até o portão, não tinha transporte escolar. Tínhamos que usar uniforme limpo, cadernos sempre com lição que a gente fazia em casa sobre a cobrança dos nossos pais. Meu pai por exemplo era analfabeto, então se eu tinha dúvida tinha que me virar para aprender e eu achava frustrante, tanto que só fiz o fundamental. Meu sonho era ser passista de samba, mas acabei casando nova e me tornei mãe e dona de casa”. (Depoimento cedido em outubro 2022).

A partir dessa primeira parte relatada, podemos entrelaçar com as análises feitas por Marques e Renata (2001), que aborda sobre as características dos locais considerados periféricos onde as políticas públicas nos anos 70 e 80 não eram aplicadas, tornando comum aos moradores a necessidade de conviver com falta de saneamento, iluminação pública, segurança e asfalto, além da ausência de atividades voltadas à educação e lazer. Essa opção de

não promover estruturação em espaços afastados das regiões nobres pode ser explicado pela análise descrita por Marques e Renata (2001, pg.3) que afirma:

Se havia consenso com relação às péssimas condições de vida nas periferias e, em termos mais gerais, aos conteúdos concretos de cada espaço da metrópole, os processos produtores do espaço eram objeto de descrições diversificadas e nem sempre compatíveis. Para alguns autores, a ausência de intervenções públicas nos espaços periféricos seria produto de mecanismos estruturais ligados à dinâmica mais geral do sistema econômico.

Percebe-se que a proposta de urbanização nas décadas de 70 e 80 era algo que iniciava dentro dessa região e somente a partir dos anos 90, houve a concretização de tornar as políticas públicas, algo mais presente. Porém, ainda há dentro do bairro Vila União, espaços com a infraestrutura precária, desde as necessidades básicas como por exemplo, saneamento e asfaltagem. A imagem abaixo foi reproduzida em 2020 e registrada a realidade de famílias que moram em espaços com baixa infraestrutura:



Imagen 12. Fonte: <https://www.reporterdiario.com.br/noticia/2896589/mais-de-200-familias-da-vila-uniao-sao-intimadas-a-deixar-area/>

De repente: um Extra, Fatec e Circo!

“Quando começou os anos 80, inauguraram no lugar do Supermercadão, um mercado Extra. Lembro de filas enormes por causa das promoções e virou um ponto de lazer para as esposas saírem com as comadres enquanto o filho mais velho olhava o mais novo. É errado dizer isso, mas era um momento de lazer das mães (risos)! Me lembro de inaugurarem e darem pipoca e ter sorteio também.

A Fatec, se não me falha a memória foi inaugurada no meio dos anos 90, início dos anos 2000. Lembro que teve um tipo de protesto pelos antigos moradores do entorno porque a Prefeitura ia precisar desocupar algumas partes que tinham moradias não legalizadas e assim, eram famílias pobres com medo de ficarem na rua e exigiam que fosse dado moradia. Não foram todas os moradores que tiveram realocação para um apartamento que o governo cedeu, os que foram retirados receberam um apartamento modelo CDHU com mensal bem baixa.



Imagen 13. Google Map do local.

Fonte: <https://www.google.com/maps/@-23.5232497,-46.4846867,15z>

Ainda tem moradores na parte mais interna que vivem perto do córrego e com casas de madeira e as ruas são de barro, mesmo com as melhorias no bairro. Eu sei que tem mães que conseguiram incluir os seus filhos para ficarem na creche que tem hoje na rua aqui debaixo. Antes, não tinha isso!

Abriram um circo escola que era nas proximidades para os moradores da região inscreverem seus filhos, era para ter aulas de artes circense, inglês e informática, mas tinha muita gente que queria fazer inscrição e muitos ficaram em lista de espera, meus filhos por exemplo só um conseguiu fazer aula de tecido circense. Foi bom porque mantinha eles longe dos perigos das más companhias". (Depoimento cedido em outubro 2022).

Apesar das melhorias em sua infraestrutura, é notório que ainda faltam implementações para atender mais famílias da região. Em datas mais recentes, foi registrado a imagem de uma das partes que permite acesso a ruas sem asfaltamento e saneamento. A imagem a seguir é um registro feito de uma rua paralela a rua Anajazeira que, ao se adentrar já é possível ter contato com córrego a céu aberto e mais a frente, casas de madeira, ruas de terra, sem luzes públicas e coleta de lixo é feita retiradas através da concentração dos dejetos em uma caçamba comunitária.



Imagen 14. Bairro vila união e suas vielas paralelas.

Fonte: Autoria própria, 2022.

Percebe-se na imagem acima que a infraestrutura é parcial e esse registro é recente, que demonstra que apesar dos anos, ainda existe carências a serem supridas. Essa região foi, segundo moradores locais, onde ocorre muitos encontros para fins de uso de drogas e os pais precisam ficar muito vigilantes pela segurança dos filhos. A praça tem hoje somente um ponto de ônibus, mas não tiveram outras melhorias para atender os moradores, em especial as crianças e adolescentes.



Imagen 15. Atualmente a Praça do Bairro Vila União, fruto dos primeiros encontros.

Fonte: Autoria própria, 2022.

História com fantoche na pracinha!

“Um dia eu vi um monte de criança na frente do portão da minha vizinha, era a Dona Edna e eu como sou mãe perguntei para os meus filhos qual o motivo do alvoroço! Eles disseram que ela ia contar histórias na pracinha e depois, daria bolo com refrigerante e pediram para eu deixá-los irem.

Eu fui com eles e ri demais.

Ela colocou um lençol na cabeça e contava a história da Chapeuzinho Vermelho e uma moça que parecia ser ajudante, usava um fantoche nas mãos. Os olhares atentos das crianças que se sentavam no chão de mato, outras em pé e algumas no colo das mães. No final, ela junto com a ajudante, entregaram para todos os participantes bolo e refrigerantes. Naquele dia, eu conheci esse lado mais humano da Edna e descobri que a chamavam de Tia Aninha.

Tinha o circo escola, mas como precisava de vagas, o encontro nas praças se tornou o lazer mais acessível. Eu lembro que próximo do Natal, ela fez uma espécie de caixa dos sonhos e deu para cada criança um papel e pediu para anotarem um sonho. Tênis, boneca, um pai, uma casa eram esses tipos de sonhos que escreveram. Pensa: um monte de crianças com sonhos e vida simples e uma Tia querendo dar esperança e acalentos com papéis de sonhos que ela não conseguiria proporcionar, o que ela fez?

Ela pegou a caixa, ergueu aos céus e disse: Deus, cuide de cada sonho e torne cada um desses pequenos grandes homens, grandes mulheres. No outro encontro do ano novo a mesma caixa de sonhos, mas agora sobre profissões e era muito confuso para aquelas crianças falarem sobre trabalho, porque a realidade delas era muito longe e não tínhamos ideia de como incentivar nossos filhos. Faculdade era caro, essas coisas como Enem não tinham e só filhos de rico faziam o nível superior. A intenção dela era criar no íntimo deles o sentimento de orgulho e vontade de vencer na vida. ”. (Depoimento cedido em outubro 2022).

Esse trecho do depoimento traz o reforço do nascimento de uma proposta de educação informal com viés mais voltado a políticas públicas onde a educadora torna os alunos protagonistas com objetivo de trazer uma profundidade no conhecimento com uso das vivências e realidades deles. Percebe-se que a Edna queria trazer não somente esperanças, mas também gerar orgulho nos moradores e alterar a imagem de que a periferia era um lugar sem possibilidade de ascensão. Essa proposta de gerar orgulho dentro da periferia é algo reforçado nos estudos de Andrea conforme descreve que:

Calcados na historicidade de atributos estigmatizantes e formulados quase sempre fora dos bairros populares, seus moradores começaram a construir novas formulações sobre si mesmo e sobre sua posição no mundo. Dessa forma, uma nova subjetividade se forma na periferia, sobretudo entre os jovens, enfatizando o orgulho de sua condição e as potencialidades dessa condição. Esta tese conceitua como sujeito periférico o morador da periferia que passa a atuar politicamente a partir de sua condição e orgulhoso dela. (2013, pg.15).

1.2.4 POR QUE É IMPORTANTE O INCENTIVO DE TRABALHOS INCLUSIVOS NA COMUNIDADE?

“A mente que se abre a uma nova ideia,
jamais voltará a seu tamanho original”
Einstein

Antes de abordarmos sobre a importância dos trabalhos inclusivos dentro das comunidades, é válido salientar o papel que as políticas públicas representam para manter uma sociedade mais digna para todos. O papel do Estado para a população vem sendo cada vez mais questionada em relação a englobar cada vez mais pessoas em situações de vulnerabilidade, lhes permitindo a oportunidade de ter acesso a espaços antes somente adentrados por grupos de privilégios. Segundo Gelinski e Seibel:

No Brasil desde a década de 1990, em contraposição às análises de cunho mais gerencialista, há uma série de tentativas de adotar políticas de cunho mais participativo, em obediência a reformas constitucionais. Elas instituiriam novas formas de incorporar os segmentos da sociedade na formulação das políticas públicas, via conselhos gestores de políticas públicas (de saúde, de assistência social, de trabalho, de segurança, e outros). A esses espaços soma-se a proposta de partidos políticos de submeter a decisão popular o destino de parcela dos recursos - o orçamento participativo (2008, p. 232).

Um exemplo de política pública são as faculdades que, através do Fies, Enem e Prouni incluíram jovens das comunidades ao acesso à educação superior. Porém, esse ainda é um dos desafios, pois é sabido que existem dentro das comunidades grupos que não tiveram incentivos para os estudos, seja pela desestrutura familiar, seja pela necessidade de trabalho emancipado para complementação de renda ou pela ótica de que faculdade é um espaço onde pessoas pobres não terão acesso.

Projetos sociais com cunho de incentivo à educação dentro das comunidades é uma estratégia de inclusão pois exerce sobre o indivíduo a oportunidade de enxergar o espaço escolar como uma forma de inserção, assim como degrau para mudança da realidade atual. A imagem negativa construída sobre os espaços comunitários onde muitos descrevem ser somente um espaço com histórico de violência e pobreza, fez com que naturalmente os moradores criassem uma concepção errônea do seu papel. Dirce por exemplo em seu depoimento contou que:

“Normalmente quando contava a minhas patroas da zona nobre de São Paulo onde morava, torciam o nariz e soltavam um Deus me livre! Dizem que tem muito assalto e violência. Passei a falar que moro nas intermediações do Artur Alvim, Patriarca para evitar ser julgada. Acham que só aqui tem bandidagem e coisas ruins!”. (Entrevistada em outubro 2022)

Percebe-se no relato da Dirce que a discriminação contra as regiões periféricas gera no próprio morador o sentimento da necessidade de negar suas raízes para poder inibir falas ofensivas, devido a imagem criada sobre os espaços da região leste de São Paulo por exemplo. A concepção de que dentro das comunidades somente tem violência é consequência da construção da desigualdade dentro do nosso país, desde o seu descobrimento.

Desconstruir esse pensamento tem sido um trabalho árduo e a arte é um dos vieses usados para tornar as periferias cada vez mais próximas ao acesso cultural. Weller (2004), ao estudar sobre como o hip hop foi promissor no processo de dar voz a esses espaços através da arte musical poética, ressalta como essa forma de comunicação trouxe encorajamento aos moradores em contar sobre suas realidades sem medo dos julgamentos, mas sim como propostas

de conscientização. Essa estratégia do uso da arte, torna mais forte também a intenção de melhorar esses espaços através dos trabalhos sociais. Isso é reforçado quando Weller cita que:

“O resgate da autoestima e a reconstrução da identidade e da memória coletiva geraram um potencial criativo entre os jovens do grupo, caracterizado, por exemplo, pela busca de novas formas coletivas de vida através do trabalho comunitário. O trabalho comunitário representa também a solidariedade, constituída a partir da “irmadade” e da “africanidade” existentes entre os negros e que deve ser fortificada”.
(2004. p. 109)

2. EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITOS E ENSINAMENTOS

Para tratar sobre os preceitos da educomunicação, vale a importância de ressaltar sobre os ensinamentos do Ismar Soares (2004) que é considerado referência sobre a metodologia, que ao ser questionado no encontro Educom. Radio, descreveu a educomunicação como:

“melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas (Para tanto, incluímos o rádio como recurso privilegiado, tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade). - Integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação (cumprir o que solicita os PCNs no que diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular. Esta é a razão de tantas palestras sobre a comunicação e suas linguagens)”. (2004 p.2)

Observa-se que a educação, cada vez mais precisa estar entrelaçada a comunicação e conforme a internet vem se tornando presente no cotidiano, em especial nos espaços escolares é importante que os ensinamentos da Educomunicação estejam na cultura escolar. O exemplo do quão a tecnologia foi fundamental na educação, nos meses pandêmicos as aulas virtuais foram fundamentais para permitir as trocas de saberes entre professores e alunos.

Segundo os estudos feitos por Filho, Brandão e Benedito (2022), o momento do Covid-19, desenvolveu nos espaços escolares a necessidade de tornar a tecnologia mais próxima para as trocas de saberes e com isso, professores e pais precisaram repensar a forma de transformar a educação algo mais comunicativo. A adaptação do ensino fundamental/ médio/ superior teve como base, os ensinamentos dados pela Educomunicação que por ser um campo focado nas ciências da educação e comunicação, ajudaram a elaborar as propostas de comunicar via EAD (educação à distância) e, de acordo com estudos feitos por eles:

“Essa medida fez com que as escolas passassem a atuar de forma diferente do que de costume, por meio de veículos digitais, especialmente através das ferramentas de comunicação digitais como as redes sociais e as plataformas virtuais para continuarem promovendo o ensino aos alunos. Entretanto, é importante evidenciar que o aparecimento desta doença se deu em um momento que a educação brasileira não se encontrava preparada para lidar com uma nova perspectiva de ensinar, quer seja através da preparação de professores e demais profissionais sobre as ferramentas digitais, quer seja através das metodologias, dos recursos e dos fatores limitantes dessa prática” (2022. p. 147).

Essa estratégia aplicada em período do Covid evidencia a tendência de repensar a Educação. Soares (2000, p.21) afirma que: “É preciso criar modelos de relação pedagógica e

comunicativa para que os adultos ensinem não o que os jovens devem aprender, mas como devem fazê-lo; e não como devem comprometer-se, mas qual é o valor do compromisso.

No ano de 2022, a pandemia ainda estava no seu auge e a Universidade de São Paulo (USP) manteve as interações via aula online. Essa medida para manter a integridade da saúde me fez refletir qual seria a defesa que iria abordar em minha tese de conclusão do curso e comecei a analisar como os espaços não escolares por exemplo Ongs voltadas a atividades lúdicas no desenvolvimento do saber, estavam lidando com o isolamento social. Esse detalhe me fez recordar dos meus tempos da infância até meus 25 anos quando fui frequente no projeto social da Tia Aninha tanto como aluna e após a maioridade, voluntaria como professora de canto e violino. Esse aspecto da realidade pós pandemia é analisado e abordado por Filho, Brandão e Benedito (2022) que afirmam que:

tais transformações se tornaram evidentes, apenas após as restrições das atividades presenciais, medida necessária para amenizar a crise sanitária ocasionada pela pandemia de Covid-19, a partir de março de 2020 no Brasil. Com isso, a sociedade brasileira percebe a conexão que já existe entre os meios presencial e virtual, assim como os impactos e mudanças no ambiente laboral, escolar, lazer, dentre outros (p. 148)

Nesse momento, imaginei como o entrelace das minhas experiências no projeto da Tia Aninha e os ensinamentos de Educomunicação poderiam ser usados com o objetivo de manter o projeto mesmo ativo, mesmo com a problemática da distância e quais as estratégias para fazer com que os objetivos fossem alcançados.

2.2 A INCÓGNITA QUE MUDOU MINHA CONCEPÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO

Meu primeiro contato com Educomunicação, foi em um encontro do NCE no ano de 2018 como convidada ministrada pelo professor Ismar Soares e me recordo que sua primeira provocação foi questionar sobre: o que entendíamos sobre os preceitos da educomunicação. O silêncio, junto com a curiosidade foi generalizado e a resposta do Ismar foi: Educomunicação é uma incógnita.

Essa palavra, gerou reflexões nostálgicas dentro da minha mente e me fez repensar minha formação que antes era voltado ao Turismo e, sem pestanejar me preparei para a prova de transferência e entrei em Educom. Os primeiros contatos com o curso, me gerou nostalgia por me recordar dos dias da minha infância vendo o teatro da Tia Aninha e todas aquelas crianças sentadas, atentas enquanto ela protagonizava e os dava voz.

Foi nesses encontros que comecei a ter interesse na literatura Brasileira, em aula de canto popular e no clássico violino além de ter contato com o sonho de ter o nível superior em uma Universidade Pública. Sonhos de ser além do que diziam sobre as periferias, além do que as estatísticas enumeravam e assim, começou a crescer o sentimento de que eu era capaz, mesmo com limitações financeiras. No período da pandemia, as aulas a distância se tornaram a incógnita que me fez refletir como poderia ajudar o projeto Vila União.

Segundo o que Soares defende em sua tese sobre os campos de intermediações da Educomunicação (2000), é perceptível que cada vez mais, a internet é presente dentro do cotidiano e as escolas, estão com menor resistência a essa realidade com objetivo de pensar como as redes sociais e mídias podem ser positivas no processo educativo. Soares (2000, p.14) reforça essa tese ao definir que: “A Pós-Modernidade não substituiu, mas apenas reagendou a cosmovisão própria da Modernidade. Continua a reforçar a crença na ordem mundial, agora comandada por uma nova razão, a razão técnica, e pelo predomínio da informação.”

No período do meu estágio no ano de 2022, tive a oportunidade de entender como as escolas do nível fundamental e médio usaram a tecnologia como formas para desenvolver os alunos no semestre. O zoom e o teams que são ferramentas para reuniões, se tornaram a ponte entre alunos e professores para troca de conhecimentos e no decorrer do meu estágio no Colégio Oswald, percebia que a estratégia dos professores para tornar os alunos participativos eram com atividades de:

- I. Jograis
- II. Lives
- III. Aluno Protagonista
- IV. Entrevista temáticas com convidados via YouTube
- V. Sexta-feira do talento e improviso

Essas atividades que eu participei conforme fazia o estágio, mostrou-se eficaz em ajudar os alunos a se desenvolverem na Pandemia e a tecnologia pode sim, se for bem articulada ser um diferencial nesse processo. Esse novo modelo de ensinar é reforçado por Soares (2000, p.15-16) que ao defender a Educomunicação afirma que: “Compreender a realidade e buscar um novo sentido para a educação num mundo regido pelas contradições do confronto entre Modernidade e Pós-Modernidade faz parte da missão do filósofo e do educador”.

A partir dessa experiência e todo conhecimento absorvido em Educomunicação, comecei a maturar a ideia de abordar sobre o projeto da Vila União iniciado pela Tia Aninha e como os preceitos de Educom poderia atribuir na continuidade da Ong, mesmo com o isolamento social. Analisei como premissa, quais eram os benefícios de ter um projeto na Vila

União e quais atividades articuladas a Educomunicação poderiam ser atreladas para serem colocados como boas práticas.

3. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO PROCESSO EDUCOMUNICATIVO

Segundo a premissa dos estudos de Santos (2017), onde é analisado como o teatro tem poder de transformar o indivíduo através da ludicidade e seu entrelace com as premissas de que educação através da arte, torna o sujeito mais maduro socialmente, foi escolhido Mauricio Virgulino (Formado em Educom e Comunicação Social) devido ao desenvolvimento da tese de análise voltada a Arte dentro do Processo Educomunicativo.

No mês de novembro do ano de 2022 foi enviado o convite via E-mail e pela ferramenta Google Drive, foi feito a gravação da entrevista para que o mesmo desse seu ponto de vista dos benefícios da arte na fase escolar. As perguntas desenvolvidas, foram baseadas em sua tese com as seguintes questões:

Pergunta 1: Como você percebeu que existia uma conexão entre a arte e educom?

Pergunta 2 Me conta de onde partiu a inspiração para falar sobre a arte como viés edocomunicativo

Pergunta 3: Como as escolas poderiam entrelaçar a arte como por exemplo usando o teatro para envolver os alunos sobre pautas sociais no seu ponto de vista?

3.1 “ARTE E COMUNICAÇÃO É A LINGUAGEM DE CONSTRUÇÃO DE ECOSISTEMAS EDUCOMUNICATIVOS”

Segundo relato de Virgulino (2022), a relação da arte com edocomunicação foi explorado por ele a partir da experiência que obteve na disciplina “História da Arte no Brasil” e, conforme aprendia sobre como se educa através da arte, percebeu entrelace com os preceitos da Edocomunicação e o objetivo dessa formação. O ponto chave, foi a Teoria da Abordagem Tribular do Ensino das Artes e Culturas Visuais que tem como base as teorias de Paulo Freire, que foi uma das teorias abordadas na disciplina da História da Arte e lhe proporcionou maior familiaridade em explorar essa temática.

O foco sobre: Leitura do mundo que faz parte das teóricas Freirianas e a recriação dessa leitura através da arte, conectou com o elemento de contextualizar a arte pelos envolvidos através de transformar a leitura daquela arte em harmonia com a realidade de quem for recriá-la. Um exemplo dado por Virgulino é a fotografia que é uma forma de recriar a arte como

releitura de uma comunicação para contar uma história, entrelaça com a proposta do teatro que recria uma emoção, reflexão e crítica sobre o mundo através da representação.



Imagen 16. Tia Aninha (de lenço preto e roxo) e suas peças de teatro.

Fonte: Autoria própria

3.1.1 “A arte é uma expressão comunicativa”

Virgulino (2022), relata que a Abordagem triangular se conecta com as teorias de Paulo Freire e seu viés é Educomunicativo. Em suas práticas, relata que desenvolveu oficinas de arte com Educomunicação, tendo como público-alvo crianças em fase escolar onde elas desenvolveram seres imaginários para explorar a criatividade, com a construção de um universo imersivo para que as crianças tornassem essa arte, algo concreto. Relata que no processo da oficina, as crianças envolvidas desenvolviam práticas colaborativas, análise textual da obra *Que bicho me mordeu?* e de forma imersiva, criou-se cenários, figurinos para que as crianças tivessem sua atividade registrada em fotografias.

A ideia de criar oficinas, foca não somente a arte e fotografia, mas também desenvolve a capacidade do trabalhar coletivo, conscientização de pautas sociais, a proposta de silenciar as preocupações, medos em especial devido aos desafios de ter controle sobre as emoções frente à pandemia. Virgulino relata que via Instagram, criou a pagina Movimentar e Silenciar como forma de permitir contato com obras de arte, para atender o público no momento da pandemia que bloqueou acesso aos museus por decorrência da pandemia. Essa construção de um espaço educativo para que a expressão da arte fosse acessada por todos em um momento de isolamento, permitiu que muitos pudessem colocar suas óticas de leitura de mundo através da

poesia, desenhos, fotografias e essas reproduções eram dispostas no Instagram na página Movimentar e Silenciar.

3.1.2 “Dentro das escolas, arte é vista como disciplina inferior”

Virgulino (2022), traz como reflexão que a arte nos permite desenvolver a criatividade e esse aspecto é importante ser refletido como crucial para desenvolver no aluno o sujeito social, emocional e racional. Comparado as demais disciplinas que são colocadas como importantes para empregabilidade que acompanha os interesses Capitalistas, a arte é colocada como matéria dispensável. Porém, se houver sensibilidade do quanto importante é trabalhar a arte nos espaços escolares, seria mais explorado o homem sociedade através da proposta do teatro como uma opção de arte, onde seria harmonizado o uso do verbal com não verbal para tratar o corpo como um movimento emoção/ ação para abordar problemáticas sociais a fim de trazer aos envolvidos uma relação mais imaginativa dentro dessa atividade.

O teatro seria uma ferramenta para tornar os alunos mais reflexivos para abordar contextos da comunidade de convivência, por abordar assuntos que desenvolva análises críticas sobre preconceito, violência, oprimido/ opressor/, sociedade e suas urgências e a arte de interpretar permite a saída do meu eu para um eu lírico para que haja essas trocas de ótica social como uma forma de auto reflexão, tanto dos alunos como dos próprios professores que ficariam como intermediadores da atividade.

3.3 A EDUCOMUNICAÇÃO E SEU ENTRALACE COM A ARTE

Silva (2017) em sua defesa sobre os benefícios do entrelace da Arte com a Educomunicação reforça que os dois saberes tem o potencial de desenvolver não somente a habilidade intelectual do indivíduo, mas também o caráter social e consciência de classe. Essa análise dos benefícios da arte dentro da educação é definida como importante para Ismar Soares que ao defender essa prática, afirma que:

A área de expressão comunicativa através das Artes está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos. Todo estudo da história e da estética das artes – que representa um valor em si mesmo – está a serviço da descoberta da multiplicidade das formas de expressão, para além da racionalidade abstrata. Esta área aproxima-se das práticas identificadas com a Arte-Educação, sempre que primordialmente voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística como

uma produção coletiva, mas com performance individual (SOARES, 2011, p.47 *apud* SILVA, 2017, p.64).

Nessa abordagem, Silva (2017) evidencia que o poder da arte é trabalhar a habilidade de expressão do indivíduo que em fase escolar, está sendo moldado em seu caráter e a arte o permite externar suas emoções, assim como conflitos internos que precisam ser amadurecidos a fim de tornar esse aluno um cidadão consciente. O conceito de expressão é algo que precisa ser mais estimulado dentro das escolas, assim como também nas comunidades e conforme Kaplún (1985) aborda sobre comunicação e as interações entre aluno/ professor.

Kaplún nos convida a refletir sobre as questões que ele lança em sua oficina de comunicação destinada a educadores. Para isso ele apresenta dois eixos de respostas a partir dos termos comunicação e educação.

- 1) Observam que a ligação entre comunicação e educação se dá apenas por meio da introdução de recursos tecnológicos.
- 2) Educação e Comunicação são a mesma coisa, um educador sempre se comunica, Toda educação é um processo de educação.

No ensino tradicional os alunos muitas vezes têm dificuldade de apreender os conteúdos porque seu processo de aprendizagem se dá de forma solitária, ou seja, o aluno escreve solitariamente os conteúdos em seu caderno para que o professor no lugar de autoridade e convededor dos conceitos corrija.

Assim segundo Kaplun (1985) na experiência de Freneit, as crianças se apropriam do conhecimento porque precisam comunicá-los. No movimento de se poder dizer e dialogar com amplos interlocutores, acaba por instigar os educandos a pesquisar, refletir e elaborar conceitos. Assim a possibilidade de dizer é uma questão psicológica, mas segundo Kaplun também pedagógica, pois os alunos começam a perceber o seu valor dentro do processo de aprendizagem.

4 RELATOS E VIVÊNCIAS: HISTÓRIAS DE TRANSFORMAÇÃO

Os trabalhos desenvolvidos por Edna vulgo “Tia Aninha” impactou mais de 100 crianças que, no decorrer de 40 anos tiveram a oportunidade de entender mais sobre a importância da leitura, respeito ao próximo e o poder da educação para um futuro mais esperançoso e o quanto educação juntamente com a arte impactou a vida dos participantes. é importante ouvir daqueles que tiveram a oportunidade de serem impactados pela forma que ela desenvolvia atividades voltado aos saberes

4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para conhecer os impactos dos trabalhos desenvolvidos pela Edna sobre a vida de pessoas que na infância e adolescências, participaram dos projetos criados e administrados por ela, foi escolhido o método de pesquisa qualitativa para resgatar as memórias e usá-las como forma de compreender quais impactos positivos ocorrem na vida deles e o que perceberam de diferente do método de ensino aplicado por ela, comparado às metodologias de ensino escolar.

A pesquisa qualitativa não tende sua inquietação para números, ou resultados numéricos, mas volta suas preocupações para a compreensão de um grupo social, uma entidade e etc. (GERHARDT; SILVEIRA, p. 2009).

Para esta abordagem o mundo real possui uma relação direta com o sujeito, possuindo uma relação inseparável do “mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” que não pode ser descrita, analisado por meio de números, logo para esta abordagem não é necessário a utilização de métodos e técnicas da matemática (PRODANOV; FREITAS, 2013)

Nos dias 01 de outubro de 2022 a 18 de outubro de 2022 foi aplicado a dez pessoas a pesquisa qualitativa através do encontro via *Microsoft Teams* e ligação agendada para que eles contassem sobre como foi participar nos trabalhos desenvolvidos pela Edna. A escolha dos participantes da pesquisa foi feita com objetivo de coletar uma amostragem da opinião com base nas experiências e memórias.

O método de pesquisa com o viés das memórias dos entrevistados com o entrevistador tendo como papel de intermediador do resgate das lembranças, foi o perfil escolhido para aplicar no grupo focal selecionado. Um método que altera de forma singular a relação sujeito-objeto, na medida em que, revela Trigo & Brioschi:

O investigador se depara, no seu processo de pesquisa, com um objeto que reage à sua presença, detém um saber que lhe é próprio decorrente de sua experiência de vida, capaz de atribuir significado às suas ações e ao seu discurso, expressando e articulando seu pensamento à sua maneira. (1987. p.633)

Thompson descreve essa metodologia como a união da narrativa junto com os preceitos da psicanálise, na qual o sujeito que atribui suas lembranças ajuda no estudo da capacidade da memória, assim como um fator que ocorre há anos, pode afetar a presente e futuro dele. Reforça a importância que o intermediador precisa ter em relação a solidariedade e respeito aos depoimentos (1992, p 198).

É um estudo pautado pelo relato oral. Pelo contato direto com as pessoas, com seus sentidos, a sua sensibilidade, a sua subjetividade, a sua história, a sua memória. Pessoas, muitas vezes com idade, costume, religião, cor, gênero, personalidade, opinião, trajetória de vida, totalmente diferente do pesquisador. Por esses detalhes, pede-se ao entrevistador o respeito aos envolvidos e paciência, para que seja colhido dentro do momento da entrevista, um relato com profundidade e riquezas de detalhes, assim como uma lição de vida ao leitor.

Os relatos foram separados conforme as memórias dos entrevistados reforçava quais impactos gerou em cada um conforme sua história de vida. O objetivo da coleta dos relatos foi dividido em duas vertentes: A primeira parte foi com os trechos das entrevistas com abordagem das seguintes perguntas:

Pergunta 1: Como você conheceu o trabalho da Educadora Aninha?

Pergunta 2: O que você percebeu de diferente da forma de educar da Aninha comparando com o método do ensino escolar de onde você estudava?

Pergunta 4: Para você, quais os trabalhos desenvolvidos pela Aninha que ajudaram na sua formação escolar?

A segunda parte usou como base as respostas dadas pelos entrevistados para analisar se, com base nas premissas da educação os projetos desenvolvidos pela Edna, contribuíram com o que é pautado no que defende a Educomunicação, assim como possíveis propostas de melhorias para incluir no projeto com base nos ensinamentos do campo. Serão usados como base para responder as seguintes perguntas:

Pergunta 3: O que foi importante para você referente a metodologia de ensino da Aninha?

Pergunta 5: Como os métodos educativos da Aninha poderiam ser aproveitados no ensino formal na escola?

Tabela 1: Dados dos entrevistados.

Nome	Idade	Bairro
Daniel Saboia	38 anos	Atualmente Ponte Rasa
Icaro Ferreira	15 anos	Vila União
Vitoria Silva	13 anos	Vila União
Yasmin Silva	10 anos	Vila União
Elisete Santos	36 anos	Atualmente Ponte Rasa
Vitoria Santos	18 anos	Atualmente Ponte Rasa
Ana Paula Eloi	33 anos	Atualmente Tucuruvi
Aline Moraes	35 anos	Atualmente Penha
Michael Handerson	25 anos	Vila União
WillianNelson P. Soares	27 anos	Vila União
Fabio Moura	32 anos	Japão

4.2. A EDUCAÇÃO E SEU VIÉS CONSCIENTIZADOR

A educação através do teatro tem potencial no processo de tornar o indivíduo consciente sobre assuntos relacionados ao racismo. Falar sobre o papel do corpo preto sem colocá-lo na posição subalterna foi o primeiro ponto abordado pelas memórias do Michael e Willian, quando compartilham um dos contatos que tiveram com o trabalho de teatro e arte feitos pela Tia Aninha:

“A Aninha fez uma peça chamada Rei Salomão e Rainha de Sabá e colocou como a rainha uma menina preta e contou para gente que ela foi tão rica quanto o próprio rei e tinha uma ilustração que mostrava a rainha preta. Eu fiquei admirado na época porque a gente aprende associar riqueza ao branco e o preto como servidor. Eu lembro que não tinham personagens pretos que fossem heróis, ricos somente o Eddie Muprhy no filme Um príncipe em Nova York, mas a maioria era sendo escravo, ladrão ou chucro. Eu nunca esqueço dessa peça, eu fazia parte do elenco da rainha na peça como elite (risos)”. Michael (outubro 2022)

“Sempre gostei de desenhar e participava das atividades da Tia Aninha. Na época dos meus oito, nove anos tive uma professora que me deu uma bronca porque eu desenhava na aula de português se não me engano. Contei para a Tia e ela disse que era importante eu prestar atenção nas aulas, se eu tirasse boas notas ela me deixaria desenhar no muro dela”. Willian (outubro 2022).



Imagen 17. Retrato feito por Willian em homenagem a Tia Aninha.

Fonte: Autoria própria.



Imagen 18. Desenho refeito pelo Willian no muro da Tia Aninha.

Fonte: Autoria própria.

Outro ponto apontado pelos entrevistados era os elogios aos traços afrodescendentes dos participantes. Como era a maior parte dos envolvidos, crianças e adolescentes negros e pardos era comum as reclamações dos apelidos recebidos que eram desde cabelo de bombril, preto pedido, encardido, ladrão e sem pai. Ter cabelo crespo era sinônimo de desleixo, nariz largo era vergonhoso e falar que morava em comunidades já era classificação de sem futuro. Michael relata que:

“Eu alisava meu cabelo ou raspava, porque na época era comum, se ousa-se deixar meu black power, já era seguido em lugares ou me sentia desleixado, tinha gente que trabalhava na escola que falava para as meninas por exemplo que tinha cabelo afro para elas pentearem o cabelo então era comum todas viverem ou de tranças ou de coque. A Tia Aninha dava um beijo na nossa cabeça e falava olha como está cheiroso o cabelo dele ou dela. Chamava a gente de imagem e semelhança de Deus, tinha criança que falava que foi feita com preguiça, mas ela já refutava a gente. Falava que também foi discriminada, mas que aprendeu a amar cada detalhe de si do jeitinho que ela é”. Michael (outubro 2022)



Imagen 19. Michael e seu orgulho negro.

Fonte: Autoria própria.

Willian conta que com o decorrer dos anos, ter contato com os projetos da Tia Aninha o ensinou a enxergar que poderia usar a arte como algo que reforce a beleza preta, assumiu seus cabelos e fez arte para incentivar o amor-próprio aqueles que tem acesso a sua arte.



Imagen 20. Arte feita por Willian :Você é linda menina!

Fonte: Autoria própria.

“Eu entendi que como alguém que foi ensinado a ver a escola como um degrau e a arte como uma manifestação, comecei a usar para moldar mentes. Porque um dia quero que minha filha ou filho se ame, ame seus cabelos afro, sua pele escura, seu nariz largo, na mesma medida que a Tia Aninha me ensinou”. (Willian, 2022).

A população negra, que soma pretos e pardos segundo definição do IBGE, corresponde a 52,9% dos brasileiros³. A maioria da população não garante, no entanto, proteção contra atos discriminatórios e racistas a esta população, que ainda hoje sofre com o histórico de marginalização e exclusão iniciado no período do Brasil Colônia. Trabalhar sobre a temática do racismo é cada vez mais latente para fins de tornar mais consciente dentro da sociedade a importância de reduzir comportamentos que discriminem alguém.

3.Pesquisa completa disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv61566.pdf>. Acesso em 05 de novembro de 2022. É claro a miscigenação no Brasil, mas apesar disso o racismo é recorrente e tem sido cada vez mais discutido para que haja maior conscientização sobre seus malefícios.

Quando existe uma protagonista preta que usa a educação para falar sobre essa realidade, traz maior significado aos envolvidos, principalmente quando a protagonista foca em engradecer a imagem do preto dentro da sociedade, assim como reforça que é importante ter o esforço com foco em ocupar espaços antes majoritariamente alcançados por grupos de privilégios.

Segundo Freitas (2019, p.238): “A educação popular é sempre um projeto colaborativo no sentido de que incentiva e valoriza o diálogo e a participação popular e comunitária nos processos de construção do conhecimento e de aprendizagem, num tipo de projeto que nos apresenta”.

Nos estudos feitos por SILVA (2015) sobre a Educomunicação e diversidade étnico racial dentro dos ambientes escolares, foi aplicado as premissas do uso da mídia para desenvolver sobre os alunos e professores a conscientização do racismo e suas problemáticas. Percebe-se que na aplicação da oficina feita de forma experimental, os alunos criaram não somente o protagonismo, mas também a vontade de se expressarem sobre como percebem e se sentem dentro dessa realidade.

Aninha usou o teatro para falar sobre racismo colocando em pauta a realidade e usou a arte como forma de exaltação ao corpo negro assim como conscientização do lugar de fala. Quando é dado a uma criança ou adolescente a visão que ser preto e pobre não é um problema, isso o torna mais questionador das desigualdades e os encoraja a lutar pelo direito de ter voz e respeito. Quando Michael relata enxergar beleza em seus cabelos afros porque alguém disse o quanto bonito era, isso criou uma semente de auto estima, assim como o tato que a mesma teve em perceber o talento do Willian e ao invés de marginalizar, valorizou as habilidades tornando-o capaz de fazer dos seus desenhos manifestações de encorajamento.

4.3. A EDUCAÇÃO E SEU PAPEL INCLUSIVO

O Icaro é um adolescente de 16 anos que segundo a sua mãe, Lais, foi diagnosticado com espectro autista e dislexia. No dia 10/10/2022, foi permitido entrevista para compreender como o papel do teatro ministrado pela Aninha afetou na vida do seu filho.

Eu não entendia nada do que ele falava, mesmo com 6 anos de idade!

“Meu nome é Lais e o Icaro é meu primogênito. Quando ele completou 2 anos de idade, percebia que ele não se comunicava, tinha picos de irritabilidade e preferia brincar sozinho.

Achava que por ser menino era mais tímido, mas com o tempo quando ele completou 6 anos o coloquei no pré infantil e uma das tias disse que ele não falava e somente emitia alguns sons como se balbuciasse. Fui orientada a levá-lo a uma fonoaudióloga.

Com o decorrer dos dias, ele falava mãe, jogar e o nome dele errado porque trocava o R pelo L. Ele tinha muita dificuldade de se expressar e sociabilidade era nula, mas ele era visual e gostava de desenhos de revistas em quadrinho, guardava tudo de forma organizada. Na escola, ele não acompanhava as atividades e como era quieto, começou a sofrer brincadeiras de mau gosto dos colegas. No fundamental, aos 7 anos de idade o bullying piorou porque ele não conversava, era muito tímido e gritava quando caçoavam dele. Os meninos começaram a chamar ele de Rosinha, como forma de caçoar da sua masculinidade.

Teve um dia que a escola me ligou e disse que meu filho estava embaixo da mesa da professora chorando e repetia frase: “eu sou menino, não sou rosinha, com as mãos tapando o ouvido porque não queria nem ouvir a professora, nem os alunos. Naquele dia, a diretora me orientou levá-lo ao psicólogo e tive o diagnóstico do autismo e dislexia.

Como sou mãe solteira, eu não tinha condições de levá-lo a clínicas então perguntei se tinha alguma forma de ajudar meu filho no processo de entender sua condição. Ela me orientou a procurar algo mais recreativo e eu, como moro no Bairro, soube dos encontros no teatro e levei meu filho.

Percebi depois de uns meses que ele estava mais comunicativo, ainda é um desafio para mim, mas, ele se expressava melhor. Teve uma peça que ele seria o faraó e ele ficou por dias ensaiando as falas, além de ter ficado muito sorridente quando eu o lembava que estava próximo da apresentação. Eu chorei muito, ele mesmo com dificuldade de falar frases com R, L.. fez a peça”. (Lais, outubro 2022).

Ele fez amigos e criou um personagem chamado Dino

“Meu nome é Icaro, esse ano completo 16 anos e eu fiz teatro e poesia com a Tia Aninha. Ela ensinou sobre respeitar os mais velhos, os meus pais, professores. Falou que podia falar com minha professora e desenhar. Ela falava que meus desenhos eram bons. O Dino é um super herói que combate crimes e fantasmas, eu fiz porque gosto de jogos e desenhar”.



Imagen 21. Dino: personagem lúdico de Icaro.

Fonte: Autoria própria.



Imagen 22. Dino: personagem lúdico de Icaro.

Fonte: Autoria própria.

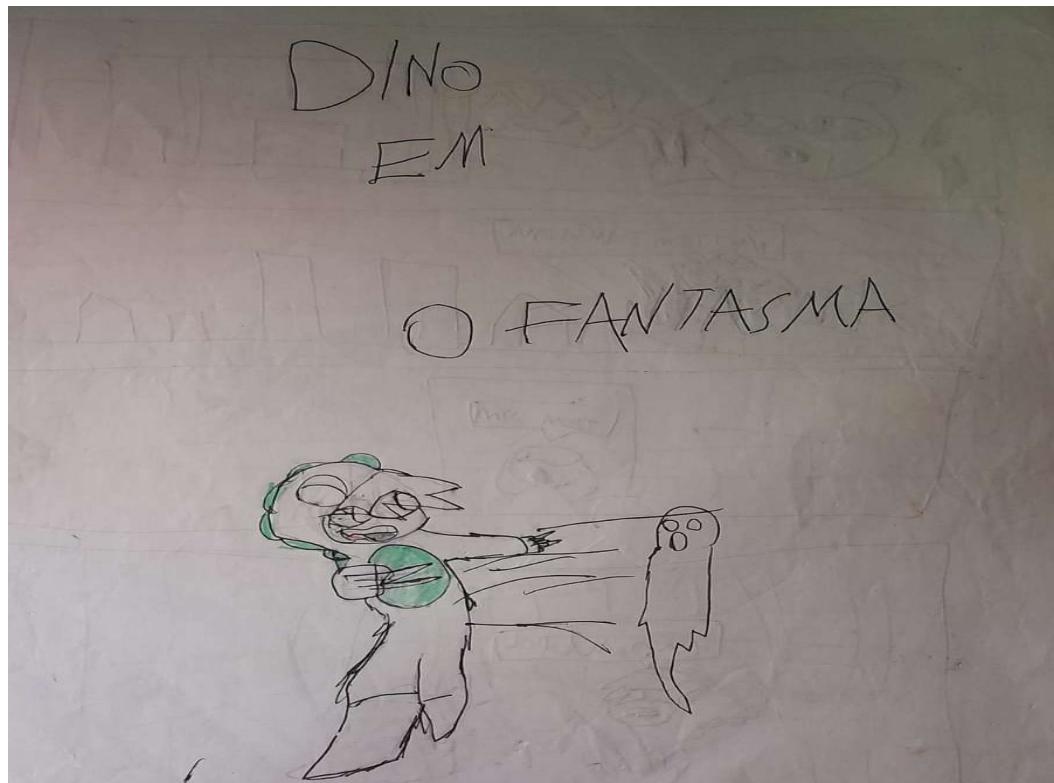


Imagen 23 Dino: personagem lúdico de Icaro.
Fonte: Autoria própria.

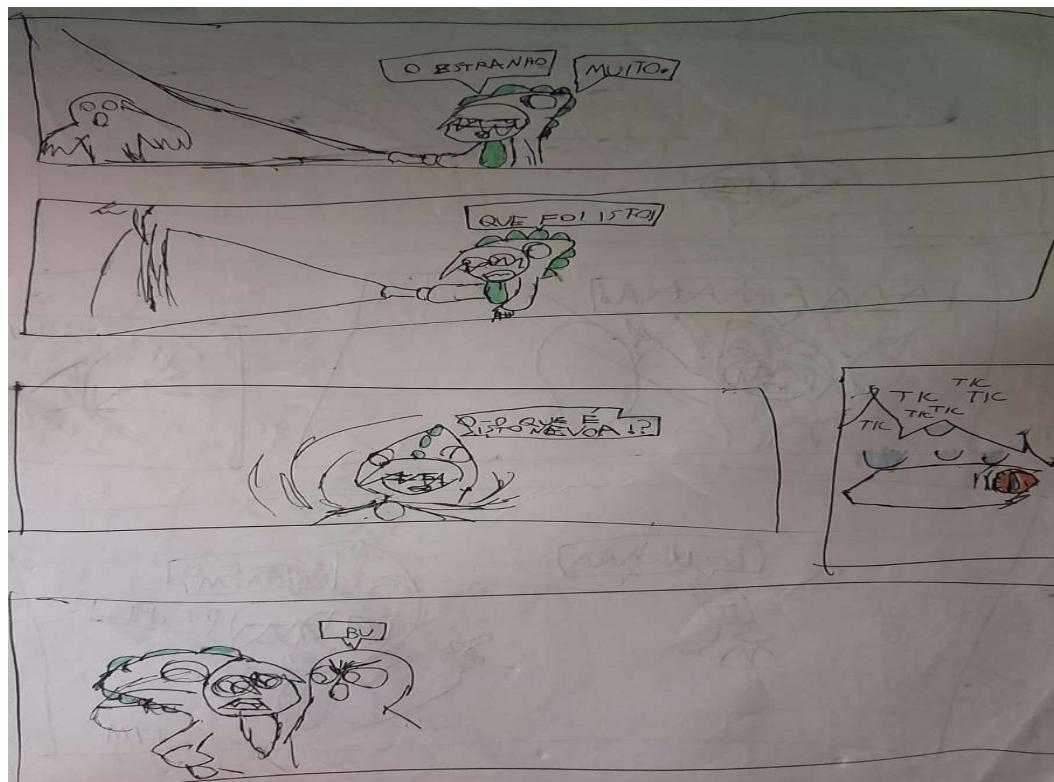


Imagen 24. Dino: personagem lúdico de Icaro.
Fonte: Autoria própria.



Imagen 25. Dino: personagem lúdico de Icaro.

Fonte Autoria própria.

A partir desse primeiro ponto podemos atribuir as análises feitas por Ismar Soares (2000) em “Educomunicação: um campo de mediações” quando o autor reflete sobre como a informação é consumida diariamente e o seu poder de construção do conhecimento do ser humano pode ser moldada para a esfera da criação de um homem mais consciente das suas contribuições como um ser social. Gutiérrez apud Soares (2020. P 17) retrata essa importância ao citar que:

Ao buscar resposta à pergunta “para que educar na era da informação?”, propõe que a escola contemporânea se volte mais para a sensibilidade humana que para uma racionalidade abstrata e distante. E para que este sentido aflore com maior naturalidade e a comunicação se faça, o autor propõe que a escola eduque para a incerteza, para usufruir a vida, para a significação, para a convivência e, finalmente, para a apropriação da história e da cultura.

Percebe-se dentro da premissa da Educomunicação que Tia Aninha ao entender o Icaro como uma criança autista, atribuiu a arte cênica e os desenhos como forma de aflorar as habilidades dele, assim como tornar o processo de sociabilidade algo progressivo. Esse detalhe pode ser percebido como positivo quando é relatado “*eu comecei a ter amigos dentro do teatro*” e aos poucos, no ambiente escolar porque seus desenhos começaram a se tornar admirado pelos colegas de sala.

4.4. A EDUCAÇÃO E A ARTE COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO

“Eu conheci a Aninha na minha infância e adolescência. Ela sempre foi muito amorosa e tinha uma forma especial de se comunicar com as crianças. Meu irmão mais velho foi incentivado por ela a seguir a carreira de advogado, ela fez amizade com minha mãe e exaltava meu talento musical, dizia para não deixar morrer a arte dentro de mim. Educação, dedicação e fé eram as palavras que ela usava, tudo com muito amor. Hoje eu sou violinista profissional, meu irmão é advogado e regente de orquestra local de forma filantrópica”. (Ana Paula).

Show com a Gloria Groove 😍🎸

#ladylestetour



Imagen 26. Ana Paula violinista em Rock In Rio 2022.

Fonte: Autoria própria.



Imagen 27. Ana Paula em Sala São Paulo apresentação orquestral 2022.
Fonte: Autoria própria.

“Eu sempre amei desenhos eu não sei se foi com 7 anos ou 8 que eu fiz um desenho para minha professora falou que era eu parar de fazer rabiscos e prestar atenção da aula de arte (risos). Pô, aquela era minha arte!

Um dia a Aninha pediu para gente fazer um desenho sobre o que entendíamos da palavra amor, eu fiquei com receio e não fiz nada. Ela viu minha folha em branco e perguntou se estava com dúvidas e precisava de ajuda. Eu lembro de ter feito um coração com minha família dentro. Ela falou muitas palavras bonitas, que eu era muito... expressivo. Aquilo mexeu comigo!

Depois, comecei a fazer teatro com a turma que ia na igreja para as atividades com a Tia Aninha, desenhava na sala, mas sem perder o foco da aula porque queria ter uma bolsa para cursar a faculdade. Posso dizer que a arte é minha forma de expressar minhas emoções e gerar resistência. Eu uso meus desenhos para falar sobre a beleza preta, da importância de preservar a alegria na vida da criança e que dentro do gueto também tem artista, valorizar as pérolas das vielas”. (Willian, 2022).



Imagen 28. Willian e arte: leveza de ir e vir.
Fonte: Reprodução.



Imagen 29. Willian e arte: Paz e Sinfonia.
Fonte: Reprodução.



Imagen 30. Willian e arte: A mais pura flor do jardim Celestial.
Fonte: Reprodução.

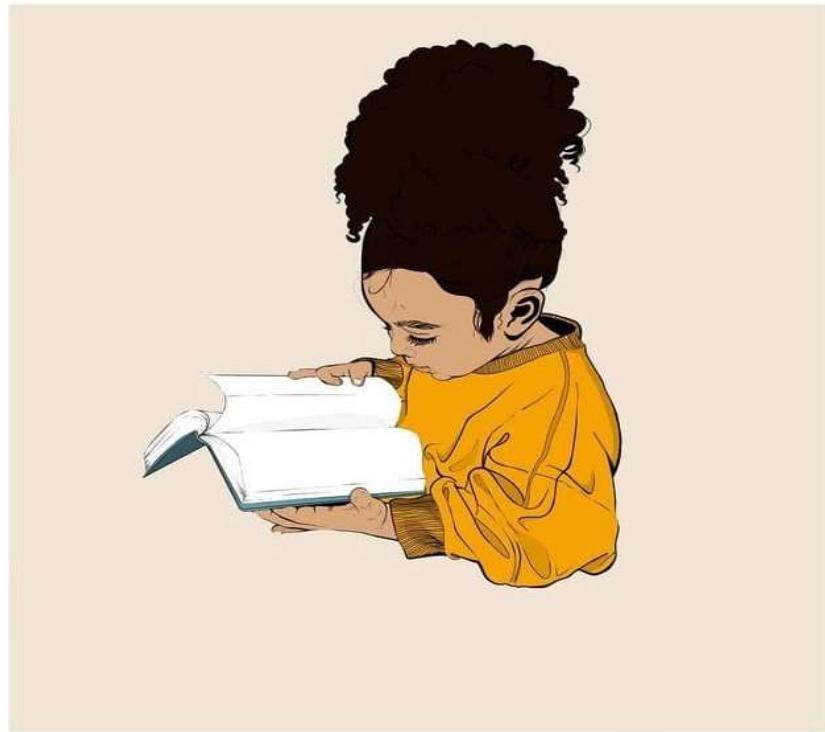


Imagen 31. Willian e arte: Palavras encantadoras.
Fonte: Reprodução

Esses relatos dos incentivos dados pela Aninha aos seus alunos Paula e Willian reforça o que Soares (2012) afirma ao descrever que: “Os homens e mulheres já se mostram, contudo, mais atentos. De acordo com o autor, a reação esboçada, aqui e ali, principalmente no campo educacional, deve transformar-se em ato político” (p. 16 b). É percebido que transformar a educação como viés de tornar o cidadão mais envolvido às questões das políticas públicas, serve como alavanca para trazer maior conscientização do direito à expressão e fala. O uso da arte para que seja além do entretenimento, mas como manifesto de expressão contra desigualdade e que abra portas permissivas a novas possibilidades.

4.5. A EDUCAÇÃO E A ARTE COMO FONTE DE ENCORAJAMENTO

Ismar Soares desenvolveu diversas pautas sobre o poder da Educomunicação dentro da sociedade e conforme o passar dos anos os temas foram sendo ampliados para além dos espaços escolares, pois entende-se que comunicação de forma educativa vai além do campus escolar.

Soares e Viana desenvolveram um estudo sobre a importância do campo através do IV Educom e a criação da revista *Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural* e conforme analisado, percebe-se que está cada vez mais crescente a ideia de tornar os espaços de convivência, mais educomunicativos. Prova disso é o que discorre a defesa de Santos (2017. P.101) que ao pautar sobre como podemos influenciar jovens e adolescentes a estarem mais próximos as necessidades de melhorias e a importância da Educomunicação comunitária. Os impactos positivos conforme descrito por Santos são:

- 1. A capacidade dos jovens em articular junto à comunidade educacional questões relevantes do bairro;*
- 2. A possibilidade de expressar suas ideias de forma a transformar o espaço em que vivem;*
- 3. A liberdade de expressão para o direito à cidadania visando conscientizar os entrevistados das possíveis melhorias a serem desencadeadas;*
- 4. A horizontalidade das relações e ações coletivas no sentido de trocas construtivas para a solução de problemas;*
- 5. O trabalho colaborativo/educomunicativo.*

Aline, uma das entrevistadas, revela que seu contato com os trabalhos da Tia Aninha lhe proporcionou a concepção de luta dos direitos femininos e usou o encorajamento para incentivar sua mãe a fazer faculdade e concursar.

“Eu conheci a Aninha na minha infância, éramos eu minhas 2 irmãs e minha mãe. Crescemos em um lar onde testemunhei minha mãe ser doméstica e dedicada a família e assim, não via como um problema isso, mas lembro que quando eu passei na Fatec ela ficou mais empolgada do que eu (risos). Como ouvia muito nos encontros com a Tia Aninha sobre a importância dos estudos e o poder da educação, eu usei essa mesma palavra para incentivar minha mãe para seguir o mesmo caminho. Me recordo que as via juntas estudando, a Aninha a encontrou algumas vezes para estudarem para o Enem e com mérito foram convocadas para o curso de pedagogia e minha mãe, administração. O que me alegra é que essa conquista na vida adulta a fez sentir-se realizada e mesmo após diagnóstico de câncer no ovário, minha mãe continuou estudando, passou em um concurso estadual e trabalhou até seu último dia em vida, quando faleceu em 2017 devido ao avanço da sua doença. Hoje, minhas irmãs e eu podemos dizer que somos gratas porque a Aninha com muita doçura nos incentivou a mudar os caminhos tanto nosso como da minha finada mãe. Tenho uma irmã pedagoga, outra enfermeira e eu, concursada e formada na Federal”. (Aline, entrevista em outubro 2022).

Para Fabio, o contato com os trabalhos da Tia Aninha o fez ver uma possibilidade de construir uma nova realidade de vida com uso do conhecimento acadêmico para obter estabilidade financeira e espaço social. Apesar dos percalços, ter uma representante que pauta a educação como algo que dá frutos o fez se sentir encorajado a continuar até alcançar o nível superior do mestrado.

“A Tia Aninha me fez entender que existe potencial nas vielas. Eu cresci sem a figura paterna e vi minha mãe escolher um namorado e me deixar aos cuidados da minha avó que na época priorizava me manter na reciclagem de latinhas para complementar renda. Muitas vezes eu tinha refeições completas dentro da escola e na Tia Aninha e eu me questionava qual era o real motivo da minha existência. Chorava por dias e via na Aninha de certa forma uma figura materna e lembro dela usar o teatro para me incentivar a externar as dores. Contei que amava física e ela falava que eu podia ser o que quisesse. Hoje, tenho mestrado em Física e moro no Japão”. (Fabio, entrevista em outubro 2022).

Para o mercado de trabalho o teatro foi crucial para tornar Vitoria mais segura em falar sobre si e dos seus objetivos. Através dos exercícios de memorização de texto, oratória e contato com o público a fez se preparar indiretamente nas disputas nas vagas de emprego.

“Quando fiz aulas de teatro com a Tia Aninha eu era muito tímida e a arte me ajudou a me sentir mais à vontade de falar com público e ter melhor expressão. Eu posso dizer que fazer esse tipo de atividade me tornou segura para entrevistas de emprego e consegui uma vaga com elogio a minha performance segura na hora de me apresentar”. (Vitoria Santos, entrevista em outubro 2022).

5 ARTE E EDUCOMUNICAÇÃO: O PROJETO CONTINUA

Antes de abordarmos sobre como entrelaçaríamos as propostas do projeto da Tia Aninha com as premissas de Educomunicação é importante entendermos o que é essa área assim como suas defesas e propostas para os meios da educação. A pergunta norteadora para analisar foi com base nas respostas dadas nos seguintes questionamentos:

Pergunta 3: O que foi importante para você referente a metodologia de ensino da Aninha?

Pergunta 5: Como os métodos educativos da Aninha poderiam ser aproveitados no ensino formal na escola?

Para ajudar na análise, foram usadas as respostas dadas pelas entrevistadas/entrevistado :*Vitoria, Yasmin, Elisete e Daniel.*

“Ela tinha amor no coração com a gente”

Yasmin tem 11 anos e em sua entrevista contou que gostava de pintar e fazer as peças junto com os amigos. Sua maior lembrança foi que ela podia rir e conversar com a tia Aninha, principalmente quando estava triste. Ela entende como importante na metodologia dos projetos o uso do amor. Ser acolhida, sentir que era confortável e não obrigatório estar ali. Além dessas características, relata que:

“Ela deixava livros no chão da sala e umas letras, animais e números para formar frases e palavras. A gente tinha que criar uns faz de conta. Era feito em grupos da mesma idade, mas no teatro tinham os adolescentes com as crianças e a gente ensaiava para mostrar no domingo à noite. Ela sempre tinha papel sulfite colorido e ouvia a gente. Eu contei um dia que estava triste porque meu pai não tinha ido me buscar e era meu aniversário, ela pediu para cantarem parabéns para mim. Minha mãe foi me buscar e eu nem chorei mais”. (Depoimento cedido em outubro 2022).



Imagen 32. Último projeto da Tia Aninha com a Yasmin participando na atividade.

Fonte: Autoria própria



Imagen 33. Último projeto da Tia Aninha com a Yasmin participando na atividade.

Fonte: Autoria própria



Imagen 34. Último projeto da Tia Aninha com a Yasmin participando na atividade.

Fonte: Autoria própria

“O sonho dela era ver diplomas na periferia”

Elisete acompanhou desde a sua adolescência os trabalhos desenvolvidos pela Tia Aninha e com ela, desenvolveu a paixão em lecionar. Em sua entrevista concedida em outubro de 2022, a mesma conta que aprendeu a sonhar e se enxergar como alguém de valor porque o sexo feminino no final dos anos oitenta era valorizado pela concepção materna e os laços matrimoniais e faculdade não era algo considerado importante para que os pais pedissem dedicação aos filhos, em específico as filhas.

“Conheci a Aninha na minha fase de mocinha, eu era a caçula de quatro filhos e participar dos projetos com ela, me fez entender que eu nasci com um propósito. Eu sempre gostei de ajudar pessoas, mas não fazia ideia de que isso um dia se tornaria minha maior paixão. Quando eu lembro de todo o estágio de desenvolvimento que passei até me tornar a mulher que sou, percebo que eu tive uma referência feminina muito além do tempo, principalmente por crescer em uma época que se casar era mais comemorado do que ter uma faculdade. Lembro que o maior medo das mulheres da minha época era ficar para titia (risos).”

(Depoimento da Elisete cedido em: outubro 2022).

Miranda (2020) em seus estudos sobre a romantização da maternidade e a problemática dessa ótica dentro do universo feminino, refuta os discursos que torna o ser materno como auge da construção do divino e a negação, como uma ofensa a natureza Divina. Percebe-se que essa análise entrelaça com o depoimento da Elisete sobre como ser mãe era tão louvável quanto ser uma universitária. E sua análise vai além, quando cita que:

“Enquanto continuamos a falar coisas incríveis sobre parto, sobre ser mãe, sobre o nascimento do bebê, sobre a imensidão deste amor, sobre como seu primeiro sorrisinho é inebriante (e é, é mesmo), sobre como cheirinho de bebê em casa é incrível (e é, é mesmo), enquanto cercamos a maternidade e a chegada de um bebê com uma aura de encantamento e deslumbre, deixamos de falar sobre algo que, SIM, PRECISAMOS FALAR: sobre como como tudo isso pode ser difícil. E doloroso. E sofrido. E solitário. E sim, pode ser mesmo. Muito” (MIRANDA, 2020. p. 116).

Aninha entendeu que a educação serviria como um canal de construção de novas possibilidades e segundo relatos da Elisete, era comum ela colocar como suas ajudantes dos projetos, adolescentes do sexo feminino, seja para ficarem como porta voz das atividades, seja para construir os materiais lúdicos do teatro, como por exemplo cenário.



Imagen 35. Último projeto da Tia Aninha com a Yasmin participando na atividade.

Fonte: Autoria própria

Essa imagem das três crianças tem uma história interessante. Segundo Elisete:

“Nesse dia, a Aninha fez um especial com todas as crianças e eu lembro de ter filmado a atividade. Eu pedi que eles falassem o que mais gostaram dos dias que iam nos encontros com a Tia Aninha, e a menina disse que aprendeu que pode ser o que quiser e o sonho dela é

ser médica. O menino com camisa azul disse que aprendeu a respeitar os mais velhos e quer ser médico também. O de camiseta preta contou que aprendeu a não falar palavrão e respeitar os amigos da escola, que ele tem que sonhar e amar os livros. Difícil segurar as lagrimas nesse dia.” (Depoimento cedido em outubro 2022)



Imagen 36. Crianças contando sobre seus sonhos e aprendizado nos encontros com Tia Aninha.

Fonte: Autoria própria

“O zelo pelo projeto era percebido nos detalhes”

Daniel participou do projeto na sua fase adolescente e hoje, participa como voluntário nas atividades em parceria com Elisete e Josias. Ele recorda que muitas vezes, a via chegar cedo na cozinha e preparar suco e bolo, ou pipoca doce, lanches com salsicha, com amor e dedicação. Fazia mais que o dobro, para que as crianças pudessem se permitir comer sem vergonha de repetir. Ele percebia que:

“A forma de desenvolver as atividades ia além de só comparecer e dar atividades às crianças. Eu via no olhar dela o amor de fazer e o capricho em deixar tudo certo. Eu não me lembro de vê-la triste, com raiva ou sendo hostil com a gente ou com as crianças. Era comum as crianças a verem e já a abraçar, querer ficar perto ou conversar com ela. Me lembro dos dias dos teatros onde ela levava uma fita métrica para tirar as medidas das crianças para fazer os figurinos e as adolescentes, a ajudava na construção do cenário, os meninos tinham a função

de limpar os retalhos. Os adolescentes ensinavam os mais novos nas falas (Depoimento cedido em: outubro 2022)



Imagen 37. Último projeto da Tia Aninha com a Yasmin participando na atividade.

Fonte: Autoria própria

“Ela tinha escuta ativa”

Para Vitoria, o que percebia de diferente na forma que Aninha conduzia os projetos, era sua capacidade de ouvir as dores, medos, sonhos e dificuldades de cada um. A cada contato, ela já pensava em como poderia ajudar. Então, era comum ocorrer café da manhã para cantar parabéns aos aniversariantes do mês, mutirões para arrecadar brinquedos e distribuição de doces no Dia das Crianças. O que mais marcou Vitoria foi:

“Eu gostava dos abraços dela! Ela sempre abraçava a gente na porta de entrada antes das atividades iniciarem, sem distinção, só amor. Era comum ter crianças perto dela, segurando pela saia ou abraçado nela enquanto ela contava histórias, eu lembro que uma vez teve um menino muito inquieto corria e não parava de aprontar! Ela pediu que uma das suas ajudantes tomasse frente e ela ficou de joelhos e em frente aquele menino e com olho no olho, perguntava e a gente o via gesticular e ficar inquieto, até começar a chorar muito e pedir desculpas. Ela o levou abraçado e depois disso, ele voltou e ficou abraçado aos pés dela. Eu

não faço ideia do que foi conversado, mas pelo semblante dele parecia um alívio ter recebido aquele afeto, ele ia sempre que podia aos encontros com a Tia Aninha.

Tinha a caixa dos sonhos também, que ela usava para incentivar a gente escrever nossos sonhos e falar para Deus sobre o que queríamos e orar para termos força, coragem como um leão e visão de águia (risos). Era muito legal isso! A gente criava uma vontade de ser melhor nas lições da escola, porque quando a gente contava para ela, era uma chuva de elogios, para uma criança, é gostoso esse tipo de tratamento ”. (Depoimento cedido em: outubro 2022).



Imagen 38. Especial pascoa 2020 (último projeto com participação da Tia Aninha e registrado por Elisete.
Fonte: Reprodução

“Ela é minha inspiração e pretendo continuar!”

Elisete participou como aluna dos projetos da Tia Aninha desde sua adolescência e já se envolvia como ajudante por se identificar com os ideais. Foi confirmado que aos poucos, ela começou a fazer cursos de artes manuais, costura e após, cursou pedagogia. Com 12 anos de idade, definiu que seria professora, mas queria ir além do lecionar porque acreditava no legado de criar a semente dentro do aluno, moldar vidas e o público infanto juvenil lhe abrillantou os olhos.

“É difícil falar da Aninha e não se emocionar! Me lembro dela com muito carinho, ela sempre soube do poder da palavra, nunca se negou a fazer algo para os pequenos com qualidade e amor. Desde as peças de teatro, os lanches, os figurinos... tudo! Tudo tinha o toque dela! Eu amava estar ali e ser parte disso me impulsiona porque eu percebo a educação como um degrau de esperança para aqueles que muitas das vezes tem a realidade tão cruel que deixam de ter o olhar leve da infância. Foram muitos que passaram na vida dela, eu passei pela vida dela, depois meus filhos e por mais que os encontros ocorressem somente aos domingos, eram especiais para mim. Nasci em uma família religiosa e quando decidi fazer faculdade, por incrível que pareça, contei primeiro para a Aninha.

Eu percebo a educação como uma libertação mental, mas que está deficiente porque não há tantos incentivos dentro das escolas, como bons livros, os professores estão muito sobrecarregados além de serem muito cobrados em entregas dentro das propostas do ensino escolar. O ambiente escolar e a comunidade deveriam se unir, mas não depende somente das escolas porque por exemplo, nas reuniões de pais e mestres poucos se apresentam no dia e isso de certa forma é um parâmetro de como é precário a concepção da importância da educação. Quando um professor pensa em aplicar dentro da sala algo que saia do programa de aula, precisa ser analisado se é encaixável ou não.

Eu já fiz peças teatrais com meus alunos e alguns começaram a vir no espaço que eu hoje desenvolvo no lugar da Tia Aninha, o projeto social. Eu vejo na arte a forma de expressar a dor, alegria e um ótimo exercício de socialização, para conhecer mais sobre si.”
 (Depoimento cedido: outubro, 2022).



Imagen 39. Elisete em sua atividade de contar histórias dentro da Associação Vila União
Fonte: Reprodução



Imagen 40. Elisete em sua atividade de contar histórias dentro da Associação Vila União
Fonte: Reprodução

Oficial: Associação Vila União

No ano de 2019, Josias decidiu juntamente com ajuda de voluntários, aumentar o espaço da igreja para tornar mais confortável para não somente as crianças, mas também as mães e pais dos envolvidos, com o intuito de tornar uma associação voltada a benefícios local. A proposta era ampliar o suporte usando o espaço para acolhimento infanto juvenil familiar e com ajuda de voluntários com formação na área da pedagogia, psicologia, direito, enfermagem, nutrição, musicalização introdutória. Em uma entrevista cedida no dia 8 de novembro de 2022 dentro do espaço da Associação, Josias relata que foi uma das crianças ativas nos projetos da Tia Aninha e decidiu manter o projeto para beneficiar novas crianças.

“A Aninha foi uma grande pessoa para mim! Eu, desde criança participava com meus irmãos nos trabalhos dela e o amor pelas crianças que ela tinha era algo visível no olhar, eu fiquei adulto e me tornei pastor, mas não quis focar em algo somente para doutrina porque eu entendo que igreja é acolhimento e amor e um lugar que não vive amor, é vazio. Eu decidi dar sequenciamento no projeto e fomos aprimorando através do voluntariado e doações para atender os pais dos pequenos, as mães e as próprias crianças. Começamos a focar na pandemia, em doações de alimentos porque nesse período muitas famílias perderam renda e com a ajuda de doações, conseguimos entregar umas 50 cestas, preparamos marmitex também. Isso me motiva, eu acredito que o amar ao próximo ensinado na Bíblia é isso.

Eu tenho muitos ajudantes aqui! A Elisete se tornou oficial sucessora da Aninha e é uma exímia contadora de história, muito dedicada ao teatro infantil. O marido dela é muito ativo também no projeto. Tem a Amanda que é formada em nutrição por exemplo que ficou como a responsável pelo cardápio dos marmitex, pensando em algo saudável para as famílias, além de palestras voltada ao ensinamento sobre formas de criar alimentações com custo-benefício baixo para atender a realidade desse público. A Amanda também foi uma das crianças da Aninha e é resultado do projeto dela, hoje é uma parte importante do projeto.

O Danilo é formado em psicologia e conheceu a Aninha já em sua fase adulta, foi um dos jovens que participou de peças com ela e assumiu a frente de projetos voltados a temas como: Violência doméstica e seus malefícios, A importância do diálogo familiar, Dislexia, autismo e tda e sobre exercícios para tratar Ansiedade infantil na pandemia.

Elaine é formada em enfermagem e assim como Amanda, também cresceu envolvida nos projetos da Tia Aninha e, juntamente com a Pamela sua irmã caçula, desenvolveram o projeto: Mamães de primeira viagem, onde o objetivo era falar sobre amamentação, métodos

contraceptivos, A importância da família no processo da maternidade, E sobre a pressão maternal. Muitas moças que vieram nesse projeto são mães solos e muito novas, coisa de quatorze, quinze anos e se tornaram mães sem sequer saber como que aconteceu ao certo a gestação. É dado por Elaine, toda orientação sobre como agendar um pré natal pelo Sistema Único de Saúde (SUS), A importância das vacinas na fase infantil e A forma de amamentar recém-nascido para evitar engasgos.

Tem muito ainda a ser melhorado, mas estou otimista e muito feliz de como temos crescido e posso dizer que a semente foi colocada pelas mãos da Tia Aninha, criou em cada coração a essência do quanto podemos servir ao próximo. Eu vejo a educação como uma ferramenta crucial para dar sonhos e esperança, crianças precisam ser encorajadas a se formarem, os pais precisam ser conscientizados sobre a importância da educação e incentivo aos filhos contra evasão escolar. Essa foto abaixo registrada, foi em um dos encontros com as mães jovens da região do Bairro Vila União para a palestra sobre Maternidade e família. (Depoimento cedido em: novembro 2022).



Imagen 41. Encontro de mães na Associação Vila União
Fonte: Reprodução

5.1. PROPOSTAS DE EDUCOMUNICAÇÃO PARA ASSOCIAÇÃO VILA UNIÃO

Visando manter a Associação Vila União cada vez mais crescente, no dia 25/10/2022 me reuni com a Elisete e dispus propostas com a intenção de entrelaçar com os conceitos de Educomunicação para ajudá-la.

Mostrei a Revista Acadêmikah onde foi reproduzido a entrevista cedida pela Tia Aninha sobre suas entregas dentro da comunidade e a importância de evidenciar esses trabalhos através do uso da comunicação impressa ou virtual.



Imagen 42. Entrevistada para Revista Academikah sobre mulheres de valor.

Fonte: Autoria própria

Com base nas premissas dos estudos da Rádio Educom feito por Alves (2007), sobre como o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), foram fundamentais para tornar o rádio como ferramenta para incentivar alunos, professores e pais a usarem a tecnologia aliada ao objetivo de incentivar a educação inclusiva/ comunicativa, foi iniciado uma discussão com os representantes Josias e Elisete da Associação Vila União e apontado sobre as premissas da Educomunicação e como ela pode ser atrelada as propostas do projeto.

Como base, foram colocados os principais pontos segundo análise feita por Alves (2007, p. 19 e 20), onde descreve que os benefícios da Educomunicação são:

1. Favorecer a reunião de especialistas envolvidos com programas e projetos de intervenção cultural e/ou pesquisas acadêmicas nas diversas áreas de inter-relação Comunicação social/Cultura/Educação, entre as quais:
2. a do estudo desta inter-relação quanto fenômeno cultural emergente;
3. a do uso dos recursos da comunicação (tecnologias educacionais) no ensino;
4. a da leitura “crítica” ou “ativa” dos meios de comunicação na educação formal ou não-formal;
5. a da gestão da comunicação nos diversos espaços onde se processa a educação formal e não-formal;
6. Animar e articular grupos de estudos avançados com programas e projetos na área;
7. Realizar pesquisas que visem identificar as vertentes teóricas que sustentam as pesquisas e o trabalho de intervenção cultural dos especialistas na área;
8. Colaborar na formação de novos pesquisadores na área;
9. Criar um acervo documental, levando em consideração vários tipos de materiais impressos, audiovisuais e multimediáticos;
10. Difundir o banco de dados formado a partir dos resultados de pesquisas desenvolvidas na área da inter-relação Comunicação social/Cultura/Educação, facilitando aos próprios especialistas pesquisadores, bem como aos profissionais da comunicação e da educação, o acesso às informações sobre os referenciais teóricos e metodológicos que sustentam os programas e projetos de educação para com a Comunicação Social;

O primeiro passo foi tornar a página Facebook da Associação Vila União uma ferramenta de divulgação mais ativa, onde os moradores teriam acesso aos projetos desenvolvidos, assim como datas dos eventos e patrocinadores. A proposta era tornar dentro dessa ferramenta, a comunicação mais acessível, a fim de tornar o público mais envolvido.



Imagen 43. Página oficial no Facebook da Associação Vila União.

Fonte: Reprodução

Na imagem abaixo, temos o registro do processo de acolhimento às famílias afetadas pelo Covid e devido perda de emprego, foi suprido a alimentação através da doação de 100 cesta básicas recebidas por membros e associados ao projeto:

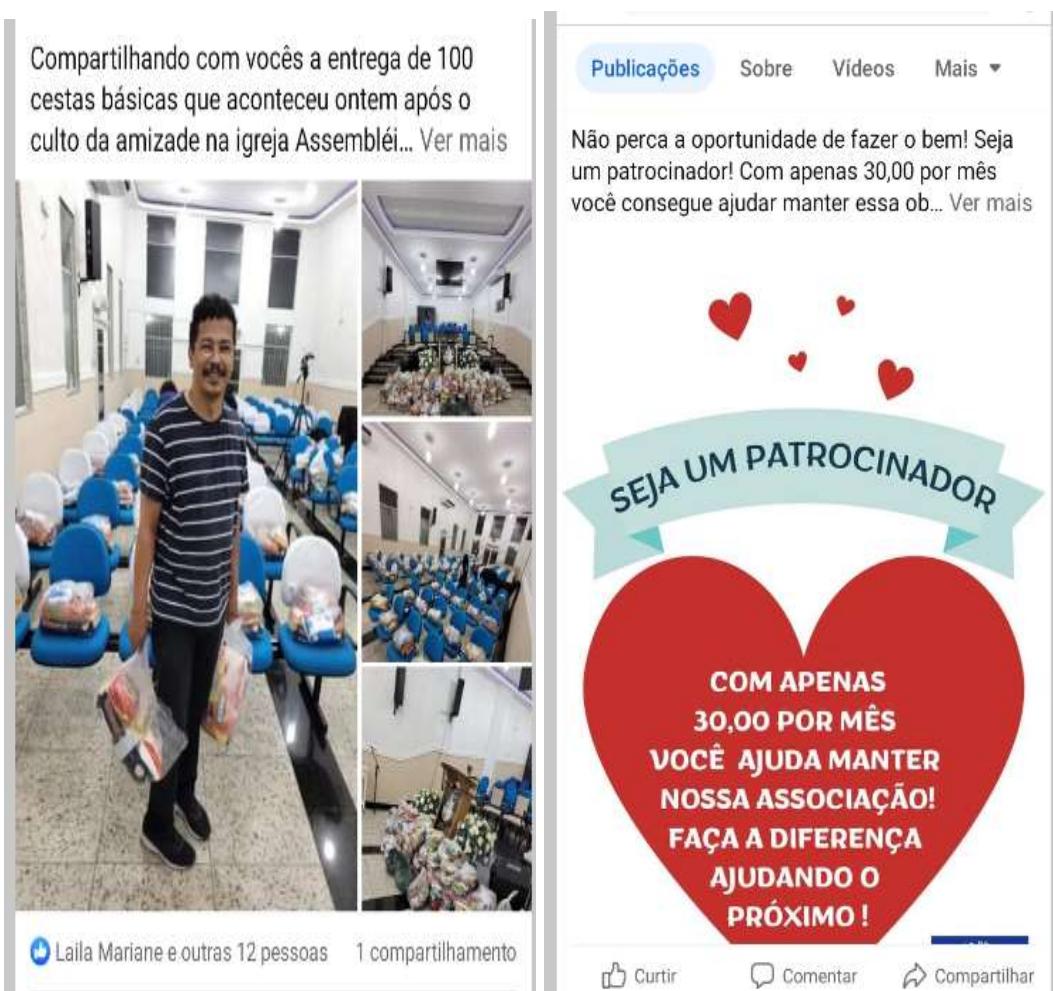


Imagen 44. Página oficial no Facebook da Associação Vila União.

Fonte: reprodução

Nesse segundo registro, é referente ao projeto Natal acolhimento onde as crianças envolvidas escrevem seu pedido e é apadrinhado por um membro voluntário. Através da página, a divulgação tem o propósito de incentivar novos contribuintes, além de mostrar como essa prática traz alegria ao coração infantil:

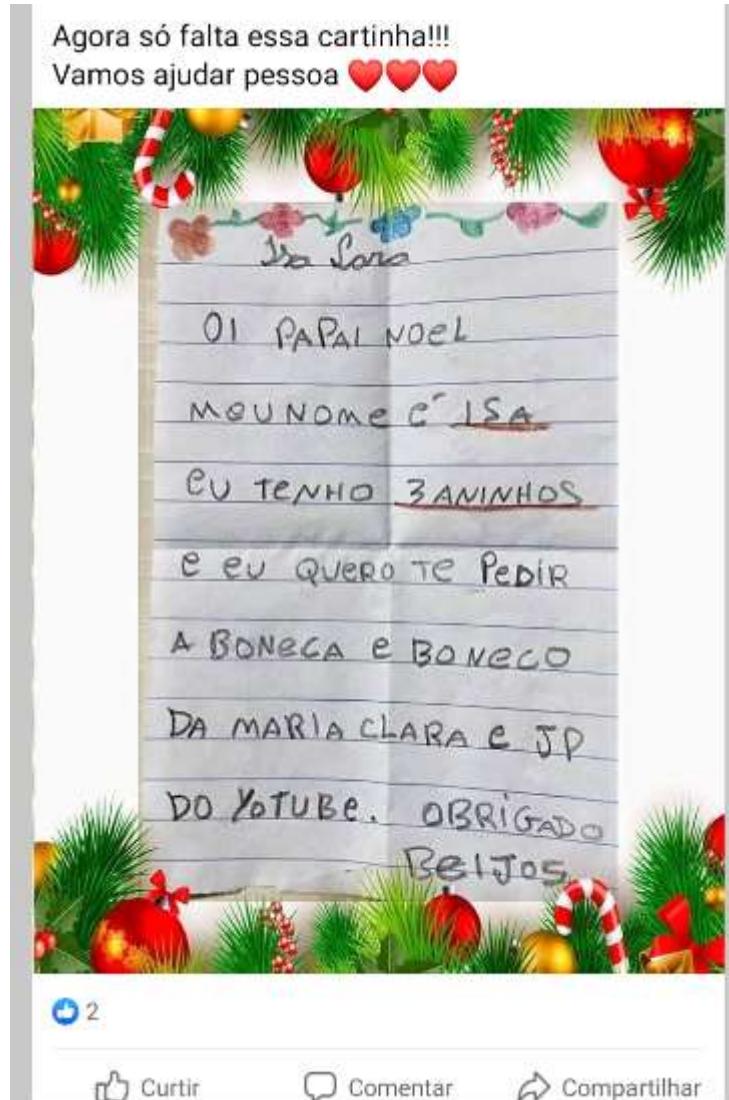


Imagen 45. Página oficial no Facebook da Associação Vila União.

Fonte: Reprodução

Essa arte foi desenvolvida para divulgação do projeto para o público de mães da região, onde a convidada formada em pediatria daria todas as orientações de como as mães deveriam amamentar, os benefícios, medos e a necessidade da saúde mental para que o aleitamento seja menos doloroso possível a mãe:



Imagen 46. Página oficial no Facebook da Associação Vila União.

Fonte: Reprodução

Nesse registro abaixo, foi feito pela Associação o acolhimento para cuidar das questões da saúde da mente, principalmente devido status atual da sociedade frente à pandemia e com isso, aumento dos casos de depressão, ansiedade e fobias. Esse acolhimento foi registrado com a criação da arte com os detalhes para que os interessados na comunidade, se envolvesse para serem atendidos, assim como incentivo a novos voluntários para essa finalidade:



Imagen 47. Página oficial no Facebook da Associação Vila União.

Fonte: Reprodução

O registro abaixo também foi incluso na página oficial da Associação e segundo depoimento cedido por Josias, foi uma iniciativa para entrega de marmitex no Bairro para os moradores e transeuntes. Os moradores foram convidados pelo WhatsApp a convidar os conhecidos próximos para receber o marmitex feito por voluntários:



Imagen 48. Página oficial no Facebook da Associação Vila União.
Fonte: Reprodução

A proposta dessas divulgações é para tornar a Associação Vila União, cada vez mais conhecida e com isso, trazer mais voluntários para ajudar e novas famílias para serem beneficiadas e o Facebook como é uma rede de comunicação prática e de fácil acesso, tornou-se a ferramenta oficial para dialogar com os envolvidos. A inclusão dos convites para os eventos com os detalhes é uma forma de tornar evidente quais são os projetos que são desenvolvidos dentro do espaço, assim como o público que ampliou, atendendo agora não somente crianças e adolescentes, mas também adultos em especial os familiares das crianças.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte tem poder de transformar emoções e tornar pessoas capazes de se autoconhecer, fortalecer conhecimentos e cria autoconfiança. Pelos depoimentos colhidos, os envolvidos confidenciaram o quanto a junção da arte com educação, foram essenciais para transformar a vergonha de pertencer a uma comunidade, em fortalecimento com olhar de esperança de que, mesmo com limitações financeiras, através do conhecimento acadêmico a realidade pode mudar.

Tia Aninha, uma mulher preta, adotada e da comunidade da Vila União, percebeu que a educação lhe proporcionou abertura de oportunidade no mercado de trabalho para poder ajudar sua família e iniciar o investimento no projeto de acolhimento infantil. Se tornou referência sobre o uso do teatro e poesia para falar da educação, sociedade e sonhos como forma de transformar vidas, mesmo sem imaginar que atenderia mais de 200 crianças de acordo com o relato da Elisete.

Falar sobre educomunicação e como os ensinamentos foram essenciais para que eu entendesse que é importante transformar os espaços de comunicação para que haja transformação, conhecimento e trocas de saberes, me fez associar esse viés as propostas do projeto iniciado por Aninha e quão rico é transformar vidas com uso da comunicação e educação.

O desafio de desenvolver essa tese foi conseguir suportar a saudade para poder entregar cada trecho com qualidade, sem desistir no processo. Ouvir os relatos, ver as emoções a cada detalhe, me fez analisar com mais intimidade o quanto um projeto, por mais tímido que tenha iniciado foi capaz de moldar vidas. Vidas essas que declararam terem sua infância regada com esperança de um futuro melhor, mesmo que o presente fosse amargo e escasso.

Muitos, hoje já adultos, contam que o sonho do diploma de nível superior, só foi conquistado graças ao incentivo dados pelo projeto da Tia Aninha que usava sua própria história como exemplo de superação e o quanto os estudos foram primordiais para concretização de sonhos, como conquista da casa própria, cuidar da velhice dos seus pais e poder proporcionar ajuda comunitária.

Hoje, o projeto Associação Vila União em crescente e sendo administrado por Elisete e Josias é a prova que quando pequenos, foram impactados pelo exemplo dado por Aninha em seus projetos no Bairro e o quanto ter um incentivo na comunidade impacta positivamente a vida dos envolvidos. Percebe-se que a cada dia, é incluso novas frentes para atender demandas que envolva saúde e alimentação e a proposta é que o projeto evolua e possa se tornar filiais em outros bairros dentro da zona leste.

A educomunicação foi essencial para ajudar na proposta de divulgação do espaço para envolver a comunidade através da página no Facebook. Foi colocado como desafio, a criação de uma revista para que seja divulgado mensalmente o projeto e as entregas, com inclusão de entrevistas, orientações de acordo com o tema do periódico e a divulgação para ajudar arrecadação com contribuições via doação.

Falar sobre o projeto feito pela Aninha e ouvir todo seu impacto na vida daqueles que a conheceram, foi um presente para mim e meus familiares porque apesar de testemunharmos seus projetos, ouvir das pessoas como foi a experiência, nos fez perceber como sua vida foi encerrada com grandeza. Ela nos mostrou que educar é muito mais que passar conhecimento, educar é um ato de amor, um ato de confiança e as trocas não é somente de saberes, mas também de encorajamento para que aqueles que são impactados, tenham a certeza de um amanhã promissor.

Encerro essa tese com meu agradecimento a Aninha, como mãe, mulher guerreira que sonhou em ser acolhedora de crianças e entregou décadas de ensinamento sobre como a educação é a chave para abrir portas antes somente acessada por pessoas com privilégios. Ensinou aos seus filhos de sangue sobre o amar ao próximo como a ti mesmo, ensinou aos seus filhos do coração que nada era impossível ao que crê. Nos ensinou que os livros dão liberdade para crescer e com a junção da arte, liberdade para imaginar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. Racismo Estrutural São Paulo: Pôlen. **Feminismos Plurais**, 2019.
- ALCÂNTARA, Leide Rosane. Pedagogia do teatro: Uma experiência de ensino-aprendizagem na sala de aula. **Revista Nupeart**, v. 17, n. 1, p. 74-85, 2017.
- ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. **São Paulo: FFLCH**, 2013.
- ALVES, Patricia Horta. Educom.rádio - uma política pública em educomunicação. 2007. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.27.2007.tde-05072009-211722. Acesso em: 2023-02-13.
- BUORO, Anamelia Bueno. Olhos que pintam. São Paulo, Educ. 2002.
- CASTRO FILHO, Pedro Júlio; BRANDÃO, Amaurícia Lopes Rocha; BENEDITO, Samiles Vasconcelos Cruz. O PAPEL DA EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 17, 2022.
- FREITAS, Ricardo Oliveira de. Educomunicação como recurso de midiartivismo. **Revista Exitus**, v. 9, n. 4, p. 232-261, 2019.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra. 1987.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.
- GELINSKI, C. R. O. G.; SEIBEL, Erni José. Formulação de políticas públicas: questões metodológicas relevantes. **Revista de Ciências Humanas**, v. 42, n. 1, p. 227-240, 2008.
- KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Ediciones de la Torre, 2010.
- MARQUES, Luciana Pacheco; ROMUALDO, Anderson dos Santos. Paulo Freire e a educação inclusiva. 2014. Disponível em:
http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3512/1/FPF_PTPF_01_0435.p. Acesso em: 05/11/2022.
- MARQUES, Eduardo; BICHIR, Renata. Investimentos públicos, infra-estrutura urbana e produção da periferia em São Paulo. **Espaço & Debates**, v. 27, n. 42, p. 9-30, 2001.
- MICHELLE, Alexander, Michelle; SEGREGAÇÃO, A. Nova. Racismo e encarceramento em massa. **Trad. Pedro Davoglio. Rev. Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Boitempo**, 2018.
- MIRANDA, Cristia Rodrigues. A (des) romantização da maternidade: considerações argumentativas em torno da construção do feminino. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 23, n. 2, p. 100-123, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição.** Editora Feevale, 2013.

RUFINO, Silvana. Uma realidade fragmentada: a adoção inter-racial e os desafios da formação de uma família multirracial. **Revista Katálysis**, v. 5, n. 1, p. 79-88, 2002.

SANTOS. I.F. Dossiê: Artes/Teatro na Educação Básica. Revista Nupeart Volume Dezessete.2017. Acesse a Revista online em:<http://revistas.udesc.br/index.php/nupeart/index>

SILVA, Mauricio Virgulino; VIANA, Claudemir Edson. Expressão comunicativa por meio da Arte: construindo e refletindo sobre uma área de intervenção da Educomunicação. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 1, p. 7-19, 2019.

SOUZA, Valdeci Moreira. Espaço Semente: O teatro comunitário como agente transformador na periferia. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural. 2017.

SOARES, Ismar. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, n. 19, p. 12-24, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira; BASTOS, Pablo Nabarrete; KELLNER, Douglas. Apresentação dossiê “100 anos de Paulo Freire”: as possibilidades de ser mais!. [Apresentação]. **Comunicação & Educação**, v. 26, n. 2, p. 2-8, 2021.

BRIOSCHI, Lucila Reis; TRIGO, Maria Helena Bueno. Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. **Ciência e cultura**, v. 39, n. 7, p. 631-637, 1987.

VASCONCELOS, Teresa. A importância da educação na construção da cidadania. 2007.

WELLER, Wivian. O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. **Caderno CRH**, v. 17, n. 40, 2004.

APÊNDICE

QUESTIONARIO 1

Nome:

Idade:

Bairro:

Região:

Pergunta 1: Como você conheceu o trabalho da Educadora Aninha?

Pergunta 2: O que você percebeu de diferente da forma de educar da Aninha comparando com o método do ensino escolar de onde você estudava?

Pergunta 3: O que foi importante para você referente a metodologia de ensino da Aninha?

Pergunta 4: Para você, quais os trabalhos desenvolvidos pela Aninha que ajudaram na sua formação escolar?

Pergunta 5: Como os métodos educativos da Aninha poderiam ser aproveitados no ensino formal na escola?

QUESTIONARIO 2

Nome: Mauricio Virgulino

Pergunta 1: Como você percebeu que existia uma conexão entre a arte e educom?

Pergunta 2 Me conta de onde partiu a inspiração para falar sobre a arte como viés educomunicativo

Pergunta 3: Como as escolas poderiam entrelaçar a arte como por exemplo usando o teatro para envolver os alunos sobre pautas sociais no seu ponto de vista?

Mauricio Virgulino

qui., 10 de nov.
21:10 (há 7 dias)

para mim

Oi Tainah

Boa tarde,

Desculpe a demora, mas estou trazendo aqui o áudio com as respostas e alguns materiais que citei na minha fala.

Na tese e na dissertação eu conto um pouco a história do Ateli de Artes para Crianças e do Silenciar_Movimentar, acho que ajuda a visualizar o que eu queria dizer.

Espero que eu tenha respondido bem às suas perguntas. Mas se quiser perguntar algo mais, é só chamar, estou a disposição. (não devo fazer outra cirurgia nesse tempo rs)

Seguem os links:

Gravação das respostas

<https://drive.google.com/file/d/122Qbxvt0TvkGL0mATkJt7D5VN6a5w5R9/view?usp=drivesdk>

Playlist; Nossa atelie animado - Ateli de Artes para Crianças

https://www.youtube.com/watch?v=6BZ6tCB_TF0&list=PL3964gW920Ka2grFQt88Z1RN7vqUs9t3M

Silenciar_Movimentar

https://www.instagram.com/silenciar_movimentar/

Dissertação - A contribuição da abordagem triangular do ensino das artes e culturas visuais para o desenvolvimento da epistemologia da educomunicação

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-03022017-163215/pt-br.php>

Tese - Cartas a Teodora: confluências entre a Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais e a Educomunicação para uma arteducomunicação decolonial

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-27042022-112654/pt-br.php>